

PESSOAS e LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

Directora: Cristina Cavaco

www.leader.pt

II Série | Nº 24 | Novembro 2004



Em Destaque

Museus



ARDE

Ponta Delgada
e Vila do Porto

P 12 Um fim-de-semana em Ponta Delgada e Vila do Porto

P 4 e 5 Entrevista a Joaquim Pais de Brito

P 7 Museu Vivo

P 16 e 17 2ª Oficina de Cooperação LEADER+

Museus

Salvaguardar a memória

Nas últimas décadas surgiram por todo o país estruturas museológicas, articulando a preocupação em recuperar as práticas e saberes tradicionais, contribuindo para incorporar os processos da memória na construção (permanente e em mudança) de uma identidade colectiva fundada no presente e orientada para o futuro. Estes espaços integram, simultaneamente, uma forte componente de dinamismo económico e animação local, que as visitas, os percursos e as actividades permitem desenvolver.

Hoje, os museus não se inscrevem num esforço de reificar o passado, antes afirmam um espaço e dinâmicas que contribuem para o presente e para o futuro e nesse sentido, participam amplamente na reflexão sobre o desenvolvimento rural.

Estas preocupações são reflectidas e ilustradas na entrevista a Joaquim Pais de Brito, Director do Museu Nacional de Etnologia: "Os museus associam-se igualmente às questões do desenvolvimento. Isso nota-se, principalmente, à escala dos museus locais que são elementos de leitura do próprio território, da sua história, dos modos de habitar, da relação que as pessoas têm com eles. Assim, o museu descobre vias de intervir no desenvolvimento (...)".

Ilustrando os esforços e as conquistas no sentido de recuperar um património vasto, e enquadrá-lo de forma a estruturar pontes entre passado e presente, são apresentados diversos projectos apoiados pelos programas LEADER II e LEADER+.

Cláudia Bandeiras, da ADREPES apresenta um conjunto de intervenções de requalificação e de estruturação de espaços de animação no sentido de avivar a memória colectiva na Península de Setúbal. A ADRIMAG, pela mão de Mafalda Brandão, faz o percurso de um colectivo de investimentos no sentido de firmar "um novo conceito de imagem" para a Zona de Intervenção desta associação. As experiências retratadas são ricas ilustrações da forma como os museus tomam forma no empenho e contributos das comunidades. Uma dinâmica que toma corpo na apresentação de Ana Alexandre sobre as estratégias da Rota do Guadiana no "apoio à criação de Núcleos Museológicos": "Mais significativo que o apoio financeiro foram, sem dúvida, as dinâmicas participativas da população e das entidades locais, as quais contribuí-

ram para um processo exemplar de parceria". A experiência da ADERSOUSA reflecte o esforço para afirmar nos espaços museológicos o sentido das práticas e dos saberes: "[o]s museus devem ser considerados como uma estrutura dinamizadora de uma acção cultural, o espelho de uma região, uma unidade didáctica e pedagógica que tem por missão comunicar com o público, sendo o seu papel importante para o estudo da história local, em que cada terra tem um passado, uma tradição, uma história (...)". Emergem também experiências de integração de recursos museológicos num percurso, inscrevendo estas intervenções na construção de dinâmicas de diálogo e desenvolvimento local. O Roteiro Museológico de Alcoutim é um destes exemplos. Escolas primárias desactivadas e edifícios de interesse histórico ganham vida para acolher núcleos museológicos temáticos que "se complementam e articulam num todo geográfico e cultural".

A vida de Manuel João Melo, ligada ao percurso do Museu Vivo, é-nos retratada como a história de uma vida dedicada a partilhar, recordar e transmitir os saberes e as artes e ofícios tradicionais de São Miguel. Os concelhos de Ponta Delgada (São Miguel) e Vila do Porto (Santa Maria) - Zona de Intervenção da Associação Regional para o Desenvolvimento (ARDE) são, aliás, o centro da rubrica "Territórios" neste número do "Pessoas e Lugares". Em contraponto a uma actividade agrícola em decréscimo, assiste-se ao desenvolvimento do turismo neste território. Todavia "[s]em respostas de animação, a atractividade turística sustenta-se em áreas como a preservação ambiental".

O património arquitectónico (muito ligado à riqueza religiosa), o artesanato, a diversidade paisagística e a gastronomia afirmam as potencialidades turísticas deste território, e são elementos dignos de nota no roteiro de "Fim-de-semana" proposto, e sem dúvida, razões para uma visita. Um percurso que não pode terminar sem nos deliciarmos com as compotas e salmouras produzidas no "Quintal do Açores", em Candelária, no concelho de Ponta Delgada. Este projecto, apoiado pelo programa LEADER+ é, não só, a concretização de um sonho, mas também uma imagem dos Açores assente na qualidade, re-visitando a tradição.

Cristina Cavaco

Pedido de envio do Jornal Pessoas e Lugares

Nome:	
Organização:	
Função:	
Morada:	
	Código postal:
Telefone:	Fax:
E-mail:	
Comentários:	

Recorte ou fotocopie, e envie para: IDRHa, Rede Portuguesa LEADER+ Av. Defensores de Chaves, n.º 6 - 1049-063 Lisboa

O **Pessoas e Lugares** - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objectivos:

- divulgar e promover o LEADER+;
- reforçar uma imagem positiva do mundo rural.

O **Pessoas e Lugares** tem uma periodicidade mensal e a sua distribuição é gratuita.

Se pretender receber o jornal **Pessoas e Lugares** preencha, por favor, o formulário anexo (recorte ou fotocopie) e envie para:

IDRHa
Rede Portuguesa LEADER+
Av. Defensores de Chaves, n.º 6
1049-063 Lisboa
Telf.: 21 3184419
Fax: 21 3577380

Ou aceda ao site da Rede Portuguesa LEADER+ www.leader.pt e preencha, por favor, *on line* o formulário disponível no *link* **Pessoas e Lugares**.

No caso de desejar receber mais do que um exemplar de determinado número do jornal **Pessoas e Lugares**, para distribuir num evento, por exemplo, pedimos o favor de fazer chegar essa informação ao IDRHa com a devida antecedência. Obrigado.

Museus e outras infra-estruturas museológicas

O desenvolvimento do mundo rural surge actualmente muito ligado à diversificação da sua economia. Por sua vez, a ideia de diversificação da economia rural decorre, cada vez mais, do reconhecimento de que o espaço rural é bem mais do que um simples fornecedor de matérias-primas.

O mundo rural, com o seu riquíssimo e original passado, apresenta-se como um espaço multifuncional que legitima a identificação e valorização dos recursos existentes, ou seja, do seu próprio património.

Face ao tipo de vida na cidade e ao mundo globalizado, as ideias construídas sobre o quotidiano no campo, o contacto com a natureza e as populações rurais, as culturas e os produtos tradicionais, traduzem-se numa revalorização social do rural e do local e induzem uma busca do singular, do autêntico.

O campo surge, em particular para os urbanos, como símbolo de liberdade, paisagem, beleza e saúde, dando origem à emergência de novos interesses e comportando potencialidades que podem e devem ser aproveitadas a favor do mundo rural.

Na verdade, a busca do rural como local de descanso, de retorno e de recuperação do que se perdeu na cidade e nos modos de vida urbanos, acentuou-se nas últimas décadas.

Basta abrir um desdobrável turístico de qualquer zona rural da Europa para constatar que o património ocupa um lugar central. A região a visitar está sempre "enraizada na história... dotada de uma fauna rica... de festas e festivais pitorescos... de um artesanato tradicional... de produtos gastronómicos únicos...".

De realçar que, hoje em dia, quando falamos do património rural referimo-nos a um amplo espectro de elementos que inclui antigos, actuais e novos produtos agrícolas e agro-industriais, património histórico e arqueológico, arquitectura popular, artesanato, gastronomia, tradições culturais, "saber-fazer", feiras, festas e romarias, dialectos locais, paisagem, música e poesia popular.

Museus rurais

Os museus rurais, parte importante na divulgação deste património, são locais onde: se reflecte e se encontra a história, a tradição e a imagem ancestral do mundo rural, onde os visitantes vindos de perto ou de longe, possam perceber como se trabalhou e viveu naqueles lugares, o que se produziu, como se fiou a lã, como se fez a telha, o que se guardou na arca para comer, as histórias e lendas que se contavam e as tradições daquelas gentes; e/ou se divulga a realidade actual daquele território, o tipo de culturas, o maneio dos animais, as técnicas, os utensílios, as festas e romarias.

Por isso se torna tão importante dar-lhes vida (bem como a outros elementos do património rural, tais como pelourinhos, espigueiros, fontes tradicionais, caminhos,...), recuperando-os e restituindo-lhes a sua dignidade através da promoção da sua reutilização, mesmo que, eventualmente, em moldes diferentes daqueles para os quais, em tempos foram criados.

A valorização dos museus rurais, como elementos activos de descentralização cultural, passa, de uma forma imprescindível, pela sua divulgação, em particular junto do público urbano.

É necessário dar a conhecer não só o que existe e onde, mas também disponibilizar outro tipo de informações, nomeadamente, o enquadramento histórico da região e do património existente, como funcionam os locais de visita (horários, tipos de visitas, venda de produtos, programação de exposições ou de outros eventos), percursos e produtos tradicionais, sem esquecer o mundo da gastronomia e do alojamento, em particular, de Turismo no Espaço Rural.

É neste contexto que o Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica (IDRHa), organismo responsável pelo programa LEADER e entidade que participou na gestão de outras iniciativas comunitárias, como o PPDR - Centros Rurais e a Medida 1, Agricultura e Desenvolvimento Rural, do INTERREG II, que financiam ou financiaram a criação/beneficiação de museus rurais e a recuperação de outras infra-estruturas museológicas, desenvolve, ao nível da Divisão para a Diversificação das Actividades em Meio Rural (DDAMR), um projecto de "Levantamento dos museus rurais e de outras infra-estruturas museológicas", com o objectivo de recolher e sistematizar informação, para posterior divulgação através de uma página da Internet e, eventualmente, de uma publicação.

Este trabalho ganha dimensão e interesse se existir colaboração/participação com as Direcções Regionais de Agricultura e com os Grupos de Acção Local (GAL) do Programa LEADER +. A sua concretização será por região, tendo para o efeito decorrido já uma primeira reunião com a Direcção Regional Agricultura da Beira Litoral e alguns GAL da região, que demonstraram receptividade e interesse em participar, estando outras reuniões em preparação.

Entendemos que a prevista divulgação, através de uma página da Internet em permanente actualização, dos dados assim obtidos, juntamente com os de outros projectos em curso na DDAMR (património rural, plantas aromáticas, cogumelos silvestres, turismo no espaço rural), ajudará a preencher uma falha existente em termos de informação organizada sobre o nosso mundo rural, contribuindo dessa forma para a desejada promoção dos territórios rurais e das suas populações.

Maria Custódia Correia
DDAMR / IDRHa



FRANCISca BERNES

Joaquim Pais de Brito, director do Museu Nacional de Etnologia

“Objectos são pretexto para falar das pessoas”

Antropólogo, professor no ISCTE e director do Museu Nacional de Etnologia, Joaquim Pais de Brito combina a reflexão e investigação em antropologia com a museologia. Guardião do tempo e estudioso da acção do ser humano, este co-fundador do Departamento e da Licenciatura de Antropologia do ISCTE expõe-nos a sua visão sobre um museu integrado em diálogo com o presente. Uma oportunidade para falar de memória, pessoas e identidade.

Qual é o papel dos museus na preservação da identidade, nomeadamente no domínio do mundo rural?

Os museus podem ter um papel importante no modo como grupos, populações e pequenas sociedades elaboram o seu discurso sobre o tempo, mas este tempo tem de ter sempre a prevalência do presente, não do passado. A utopia do futuro também é própria do discurso do património. Como levar as coisas que vieram do passado para o futuro, como se o presente não existisse? Não há receitas para os museus. Os museus são aventuras que se vivem no presente, às vezes, com grandes dificuldades de meios, ideias, opções ou parcerias. Às vezes, não conseguimos sair de dentro dos nossos muros para ir buscar energias lá fora. O sentido do museu está fora dos seus muros. Cá dentro não há nenhum sentido. As coisas em si e por si, não têm nenhum sentido próprio. Nos anos 80, dá-se uma explosão no movimento de criação de museus, que aumenta nos anos 90 e vai crescendo com experiências muito sólidas, que procuram, interrogam e experimentam, e outras mais inertes que colecionam apenas objectos que, por si só, têm pouco valor para expor nas paredes ou nas prateleiras.

Qual é a sua opinião acerca dos parques naturais, ecomuseus e museus polinucleados nesta dimensão de musealização em meio rural? É uma experiência bem sucedida?

Estes instrumentos surgem num momento em que o corte com a actividade agrícola estava feito. A ruralidade marcou a nossa cultura e a nossa civilização. Hoje, mesmo quando ainda há actividade agrícola, as pessoas já não querem ser rurais, já são outra coisa. A dimensão urbana entra-lhes pela casa dentro. Estes museus vivem a armadilha de apresentar a comunidade que representam, como rural, quando ela está a deixar de o ser ou já não o é. Aquele tensão conflituosa do presente, que é riquíssima para perceber a sociedade e os indivíduos que a compõem, em geral não está presente no museu. Já tivemos museus muito importantes, que reflectiam a tradição e a memória rural, onde a ponte era fácil de fazer, porque ainda estava presente. Hoje, temos sobretudo um efeito ilusório de estar a revelar a memória quando a ruptura já se deu. A pergunta que se põe é: “quem é que está a falar de quem?”. Já estamos a falar dos outros que foram os nossos antepassados, já não são memórias partilhadas por nós. Quando, em 1997, fizemos a exposição sobre a agricultura em Portugal, “O voo do arado”, tínhamos consciência de que esse arado já estava no imaginário, por isso é que o pusemos a entrada, pendurado no ar, separado definitivamente da terra. Os museus lidam

com memória e com esquecimento. São mediadores e, ao mesmo tempo, criadores: criam imagens, cultura, imaginário. Esta multiplicidade aliciente de possibilidades tem de ser também muito bem gerida.

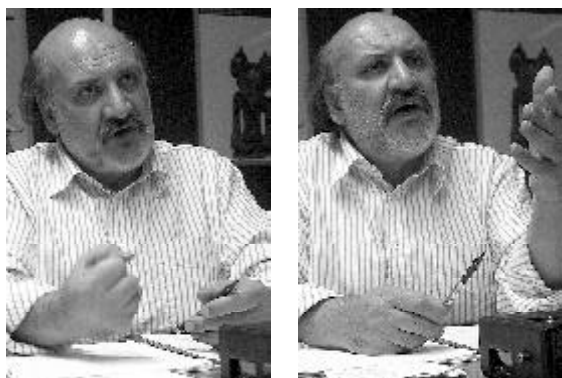
Como e quando é que o museu se abre ao território?

No início dos anos 70, a acção do museu torna-se insatisfatória. Surge a ideia de que o museu tem de ser algo para além dele. Até ali, o museu é um receptáculo. Quando o museu rompe para fora dele, começa a englobar também. É aqui que surge a ideia de ecomuseu: englobar o território que o envolve. Esta é uma primeira dimensão da ideia de ecomuseu, com uma relação próxima com as populações que, de certo modo, permite transpor para o museu parte da actividade que já não tinha. Há uma consciência clara de que há aqui um valor patrimonial, muito cotado, que pode ser comunicado ao outro, apesar de já não corresponder exactamente à realidade ou ser um resto da sua actividade agrícola. Depois, surge uma ideia alargada, ligada à protecção das paisagens: os parques, as unidades ecológicas, as extensões mais amplas que englobavam centros de interpretação, que correspondiam à unidade museu. São territórios muito amplos, que a partir de um centro de interpretação, tornado legível, comunicável e visitável, consoante o interesse dos visitantes, tanto poderiam incluir sítios arqueológicos como paisagens humanas elaboradas, cobertos vegetais, habitações, unidades fabris, cursos de água... Depois, ao nível dos concelhos, regista-se outro desenvolvimento desta ideia de territórios e extensão: os museus polinucleados. Sendo dependentes, apoiados ou articulados, a autarquia, em vez de fazer proliferar museus, referencia-os a algo que vai também produzir a sua própria identidade. É o museu com núcleos: o núcleo dos moinhos, da fábrica, da casa rural... Todos remetem para esta construção de uma identidade que já incorpora o presente, qualquer coisa que não é apenas memória ou fantasia de memória. Existe esta diversidade muito grande de situações que permite revelar o seguinte: alguns núcleos têm mais potencialidades, aparentemente, mais princípios dinâmicos para se reproduzirem, criarem públicos... e outros parecem ter elementos de cansaço implícito, afastando o público. Mantém-se, no entanto, uma capacidade a partir da qual os animadores locais podem trabalhar e atrair visitantes. Há museus que têm colecções etnográficas “encostadas”, onde ninguém mexeu nem acrescentou mais nenhum elemento e que são muito visitados.

Qual é o lugar dos museus no desenvolvimento de um território?

Os museus associaram-se igualmente às questões do desenvolvimento. Isso nota-se, principalmente, a escala dos museus locais, que são elementos de leitura do próprio território, da sua história, dos modos de habitar, da relação que as pessoas têm com eles. Assim, o museu descobre vias de intervir no desenvolvimento, promovendo a actividade dos artesãos: a produção, a venda, a manutenção de um saber-fazer, a criação de riqueza; ou articulando-se com algumas intervenções no território, ao nível dos parques naturais, paisagens, limpeza dos caminhos... É inesgotável o que se pode fazer a partir de um museu. Hoje, é difícil pensá-los fora da ideia de desenvolvimento sustentável, dentro do limiar da nossa visão e controlo, da nossa acção de homem e sociedade sobre esse desenvolvimento. Não há receita para um museu. O museu tem de fugir de todos os estereótipos, inclusive os normativos, aqueles que parecem constituir-lo como instituição reconhecível como museu. Às vezes, parecem preen-

“Os museus lidam com memória e com esquecimento. São mediadores e, ao mesmo tempo, criadores: criam imagens, cultura, imaginário”



“Não há receita para um museu. O museu tem de fugir de todos os estereótipos, inclusive os normativos, aqueles que parecem constituir-lo como instituição reconhecível como museu”

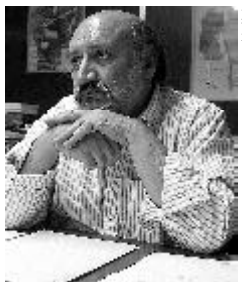
chidas as exigências normativas e ele repousa no sossego de si próprio, esquecendo-se que tem de repensar em cada ano ou cada estação ou, às vezes, cada mês, a sua acção para construir o seu programa. A prova disso é que se constroem muitos museus em Portugal sem programa museológico. Cheguei a visitar um museu que a autarquia queria inaugurar e não sabia o que havia de lá pôr. Foi pensado sem programa. O museu enquanto ex-libris, valorado positivamente, pode, às vezes, não corresponder a nada, e ter até o efeito perverso do “já o temos, agora pronto!”.

Que recomendações gostaria de fazer às Associações de Desenvolvimento Local no sentido de usar o museu, enquanto instrumento de desenvolvimento?

Os objectos nunca devem ser deslocados para um plano hegemónico. Os objectos têm de trazer história, biografias, permitir narrativas, onde os protagonistas principais não são eles mas as pessoas: o usuário ou o fabricante, por exemplo. Ou seja, os objectos são pretexto para falar das pessoas. Por outro lado, há que evitar produzir esse logro que é a identidade de hoje ser evocada como qualquer coisa que foi trazida do passado. A identidade é feita no presente e os museus não. Vejamos o exemplo de um museu numa aldeia, que fala de como eram os pais ou os avós das pessoas daquele sítio, mas não lhes fala deles. É uma identidade de vinda do passado. Aconselho as associações a partir do presente, das ideias de futuro que as pessoas têm, voltar aos objectos e com eles construir histórias e, sobretudo, partir não das harmonias, mas dos conflitos. Como é que um museu pode falar de um conflito? O facto de ter de equacionar o modo de abordar o conflito através do museu, não ajuda a resolvê-lo mas, pelo menos, põe todas as pessoas a pensar de uma forma activa, a relacionar-se com a questão de uma forma tão activa que o museu passa a ser uma coisa do presente. Mesmo que eu esteja a mostrar um marco de propriedade antigo, e o conflito tenha a ver com isso. Mesmo que eu esteja a mostrar o relógio da igreja que o pároco pôs de lado, substituindo por um electrónico e o conflito tenha a ver com isso. Mesmo que eu esteja a mostrar o objecto do passado, a questão é do presente. Ou seja, não partir do óbvio.

Os museus locais têm um papel activo de descentralização cultural, ao democratizarem o acesso à cultura, por parte dos locais.

O museu tem que ter dois grandes vínculos, que são, às vezes, difíceis de criar, e sobretudo de alimentar. Um deles com a comunidade em si, os elementos e grupos que a constituem, e outro com as escolas. A relação das escolas com o museu tem constituído um esforço, nem sempre conseguido. Logo, do ponto de vista institucional, pertencem a mundos separados. É com um esforço voluntarista muito grande, por parte de alguns professores e museus, que se fazem programas educativos, partilhados e com alguma incidência no currículo. Ou, ao contrário, há uma busca no museu de ilustrações dos próprios currículos, para ser mais vivo e participado. Quando isso acontece, o papel do museu revela-se de uma importância muito grande no fornecimento, produção de sentidos culturais, de descentralização... Há sempre qualquer coisa que é transmitida, mas não podemos aceitar apenas uma cultura de pobreza. O museu é uma casa aberta, que todos podem visitar, até de graça, e com umas coisas muito bonitas para ver... Não! A cultura é, por definição, activa, é uma criação. Isso, às vezes, não é óbvio num museu. O museu pode ter objectos lindíssimos, sem ter uma dimensão activa de produção cultural. É na actividade do museu, na maneira como consegue estimular as pessoas, estabelecer diálogos, ir para fora dos muros e trazê-los intra muros, que se alcançam alguns elementos dinâmicos, criativos, criadores de cultura. Não valem pelo que têm, mas pelo que fazem.



Em 1998, dos 305 concelhos existentes, 196 não tinham qualquer museu, o que corresponde a 64%. Isto contraria uma bocada a ideia da descentralização, mas será que se justifica a existência de museus em todos os concelhos?

Porque é que há-de haver museus? É positivo? Nada justifica a criação de um museu como uma intenção do exterior, a não ser um acto político. O museu tem de nascer de uma vontade e de um projecto, que depois se formalizam num programa museológico. Um pequeno concelho pode ter dez museus. Tudo depende se há dez instâncias onde a vontade se constitui, e o programa e o projecto se definem. Em contrapartida, um grande concelho pode não ter nenhum museu pela ausência de organização. Neste caso os decretos são ilusórios, e a ideia de que o museu em si mesmo democratiza também é ilusória. Não pode democratizar se não se fizer nada. É óbvio que existem muitos tipos de museus. Tem de haver uma ideia, uma vontade, um projecto, uma intenção. É por isso que alguns projectos que estão a surgir me despertam uma grande confiança, porque nota-se ali uma vontade. Existem projectos que, por melhor que possam estar formalizados e formatados, têm uma vida curta. Quinze anos é quase uma eternidade no ciclo de um museu. Mesmo um grande museu, ao fim de dez anos, tem de ser reformulado, virado do avesso, como os grandes museus da Europa. Isso ilustra claramente como o museu é uma coisa do presente, com ciclos curtos. Há museus que vão ficando, outros vão-se enchendo de pó e outros perdem o sentido.

O futuro dos museus passa pelas novas tecnologias da informação e comunicação?

É absolutamente impensável que as novas tecnologias não sejam um eixo decisivo da sua acção. Sempre se valorizaram os objectos e se passaram para segundo plano as pessoas por trás deles. Hoje, quando se fala de património imaterial, fala-se de pessoas. O património imaterial é aquilo que é transportado pelas próprias pessoas, o saber, a emoção, a capacidade criativa... Os registos áudio e vídeo podem ser apenas encarados como um complemento da actividade do museu. É o cerne daquilo que o museu terá de fazer, porque permite o acesso às pessoas concretas, à cara, à expressão, à maneira de comunicar... não é apenas a lenda que ouço. É ir para o terreno munido da aparelhagem que me permite depois transportar para o museu aquilo que vou recolher e trazer as pessoas com a máxima expressão do seu protagonismo para dentro do museu, para comunicar com os públicos e transmitir essa densidade, que é também a história e a densidade de uma vida, que está quase a chegar ao fim. Cria emoção e perturba, ao mesmo tempo, porque sabemos que estamos prestes a despedir-nos daquela pessoa que nem conhecemos. Não é apenas por efeitos cénicos, por embelezamento ou pela questão da atracção do público, é porque, do ponto de vista conceptual e teórico, ao deslocar-se a importância para o campo do património imaterial, somos obrigados a trabalhar com outro tipo de meios. São esses meios que permitem uma reflexibilidade e uma relação muito forte com os próprios protagonistas. São os meios com que estamos a trabalhar nos próprios processos de inventário e informatização das colecções. O museu deixou de ser a hegemonia seca do objecto que era pura peça arqueológica, sem voz. As colecções etnográficas, espalhadas por esses museus, são puras peças arqueológicas, ninguém sabe dizer nada delas. Mas se calhar aquele martelo, aquele afeiçãoamento do cabo, das mãos do tio Joaquim, que o tinha feito ou que o usava e que nunca o trocaria por outro tem essa parcela de humanidade que os meios digitais, como o vídeo digital que congela a imagem, o movimento e o som, pode devolver aos públicos e ao museu. Tem de se dar vida aos objectos.

Entrevista de **Maria do Rosário Aranha** e **João Limão**

Recordar a História, viver a memória

Na Península de Setúbal, o programa LEADER+ tem sido responsável por um desenvolvimento rural mais ambientalista, colocando à disposição dos habitantes locais um instrumento de reconhecimento e valorização das suas tradições, que permite apoiar projectos que mantêm viva a memória da região.

No concelho da Moita, numa íntima ligação com o rio Tejo, surgem dois projectos: a criação de um espaço de divulgação e debate sobre o meio ambiente envolvente, fomentando a protecção da avifauna e a conservação dos espaços rurais, na freguesia de Sarilhos Pequenos; a constituição de um Espólio para a Rede Museográfica Polinucleada, visando a qualificação da actividade do Molinho de Maré da freguesia (Alhos Vedros), estreitamente associado aos modos de vida da população ribeirinha e seus espaços rurais. Pretende-se melhorar as instalações do Molinho, recuperar um antigo bote de meia quilha utilizado na navegação fluvial do Tejo e adquirir um conjunto representativo de miniaturas de embarcações tradicionais, visando dotar o museu de um espólio patrimonial representativo da expressão artística dos artesãos locais e da riqueza etnográfica da região.

No Montijo, a Junta de Freguesia de Canha iniciou este ano a recuperação de uma casa típica rural do início do século passado, para expor trajes e utensílios característicos da época com breves descrições e histórias dos trabalhos rurais da região, enaltecendo deste modo as tradições e as vivências dos nossos antepassados.

O Núcleo do Sal do Museu Municipal de Alcochete, habitualmente designado por Museu do Sal, surgiu da vontade de preservar a memória de uma das mais antigas e importantes actividades laborais do concelho - a indústria do sal. O projecto, criado com base num protocolo estabelecido entre a Câmara Municipal de Alcochete e a Fundação João Gonçalves Júnior (proprietária das salinas), baseia-se num edifício antigo que servia de apoio aos salineiros e de uma exposição sobre a salicultura. Uma vez que as salinas - que justificam a existência do edifício e da sua exposição - se encontram desactivadas, o projecto encontra-se incompleto... Limitações que conduziram à apresentação de uma candidatura ao programa LEADER+ que contempla as seguintes fases de renovação do Museu

do Sal: melhoria dos acessos existentes; recuperação e adaptação do edifício e área envolvente; melhoria da exposição existente no novo espaço do edifício, com a introdução de novos objectos e de referências às vivências específicas da salina, recorrendo aos testemunhos dos salineiros que ainda trabalham e guardam preciosas e emotivas memórias do tempo em que o sal era o "ouro branco" de Alcochete; projectar e construir um espaço, reproduzindo uma serra de sal, onde possa funcionar um centro de interpretação natural, histórica, económica e tecnológica da indústria salineira.

No concelho de Setúbal, em Azéltão, o Centro de Interpretação da Natureza do Zambujalinho - CINZAMBU, situado na Herdade do Salgueiro (em plena zona especial de conservação do Estuário do Sado), tem desenvolvido projectos que conjugam a conservação ambiental e patrimonial. A preservação deste local é imprescindível, tendo sido aprovados vários projectos que proporcionam a recuperação e manutenção da estação arqueológica do período romano com cerca de dois mil anos, a construção de infra-estruturas de apoio para os visitantes e prospectos de divulgação e informação sobre o centro de interpretação.

Recuperar sítios memoráveis, promover iniciativas que mantenham vivas as histórias, suscitam em cada um de nós um sentimento emocional e afectivo às gentes e locais da nossa região que importa estimular e preservar.

Claudia Bandeiras
ADREPES



ADREPES

Ecomusealização da paisagem



As lindíssimas paisagens sobre as linhas de água que atravessam o concelho de Sever do Vouga constituem património natural de inegável valor. Não menos importante, apresenta-se o património a nível histórico. Um legado que constitui a mais-valia do concelho que, apesar do seu grande potencial, não possui ainda uma imagem de destino turístico, e que tem merecido a atenção especial da autarquia local. Como forma de sensibilizar os in-

vestidores turísticos e de dinamizar os recursos turísticos existentes, tendo por base um modelo de desenvolvimento integrado e auto-sustentado que visasse o desenvolvimento integral do concelho, a Câmara Municipal de Sever do Vouga elaborou um Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico.

Um dos vectores que fazem parte deste plano, e que vem ao encontro daqueles que desejam descobrir tempos e memórias deixados pelos nossos antepassados, é o turismo cultural.

Referimo-nos ao património megalítico e ao projecto de recuperação em curso designado "Ecomusealização da Paisagem e Dinamização Cultural e Turística" dos achados arqueológicos de Sever do Vouga, que abrange, numa primeira fase, a limpeza, recuperação e dinamização das Antas número 1 e 2 do Chão Redondo, e da Anta da Capela dos Mouros. Um projecto apoiado pelo programa LEADER II, através da ADRIMAG - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras do Montemuro, Arada e Gralheira. Com este projecto, a Câmara Municipal de Sever do Vouga pretende a salvaguarda, valorização e promoção turístico-cultural daqueles achados arqueológicos, localizados na freguesia de Talhadas. A promoção traduziu-se na realização de um desdobrável, visando a divulgação turística de percursos arqueológicos devidamente sinalizados.

Apoiado pelo programa LEADER+ está em curso um outro projecto que é, no fundo, uma segunda fase da preservação e promoção do Circuito Megalítico,

no âmbito do qual terá lugar a limpeza, valorização, registo fotográfico, sinalização e demarcação de outros locais de elevado valor arqueológico que posteriormente integrarão o Museu do Passado. A intervenção a realizar passará pela salvaguarda, valorização e promoção turístico-cultural da Anta do Poço dos Mouros, da Sepultura do Rei e da via Romana, na freguesia de Talhadas; salvaguarda, valorização e promoção turístico-cultural da Necrópole da Anta da Cerqueira e do Coval, na freguesia de Couto de Esteves; e salvaguarda, valorização e promoção turístico-cultural da Anta de Santo Adrião, na freguesia de Cedrim. A Necrópole da Anta da Cerqueira e o troço da Via Romana, entre outros, já têm sido objecto de várias campanhas de limpeza e preservação, levadas a cabo por técnicos da especialidade, com a participação de estudantes universitários e da Escola Secundária de Sever do Vouga. Além de atrair visitantes, é pretensão destas intervenções incutir na comunidade e no público estudantil o "vício" pelos circuitos turístico-culturais.

A Câmara Municipal de Sever do Vouga tem apostado também no domínio das edições, insistindo sobretudo na sensibilização para a importância do património local como forma de o preservar e dinamizar. São exemplos a este nível, o "Roteiro das Alminhas", as revistas temáticas ligadas ao "Megalitismo", aos "Molinhos de Água", aos "Espigueiros" e à "Arte Sacra", a monografia "Sever do Vouga, uma Viagem no Tempo" e a publicação "Circuito Pré-Histórico de Talhadas (Sever do Vouga)", apoiada pelo programa LEADER II.

O programa de desenvolvimento estratégico para o concelho visa, assim, a dinamização do património de forma transversal, orientado sobretudo para um novo conceito de imagem, que passa pela criação de dois museus interactivos: o Museu da Água e o Museu do Passado. Esta intervenção consiste, fundamentalmente, na identificação dos pontos de maior interesse (água e património megalítico), na sua defesa, valorização e dinamização, passando pela sinalética com vista à criação de um circuito de visitas dirigidas a públicos fidelizados.

Mafalda Brandão
ADRMAG

Com a colaboração dos
Serviços de Cultura e Turismo da
Câmara Municipal de Sever do Vouga

Um encontro com as raízes

Sapateiro, barbeiro, relojoeiro, oleiro, marceneiro, tanoeiro, ferreiro, alfaiate e latoeiro, são alguns dos ofícios representados no Museu Vivo. Uma oficina-museu, fruto da preocupação e dedicação de um homem em manter as artes e os ofícios tradicionais de São Miguel vivos, numa perspectiva pedagógica e criativa.

Situado na freguesia de Capelas, fruto da preocupação séria e dedicação de um homem em manter as artes e os ofícios tradicionais de São Miguel, o Museu Vivo é um projecto "em aberto", como afirma o seu mentor, Manuel João Melo.

A ideia surge em 1989, quando Manuel João Melo, com 30 anos de serviço, decide deixar o ensino para se dedicar aos trabalhos em escama de peixe, que já vinha fazendo nos tempos livres. Há oito anos resolveu deixar a cidade de Ponta Delgada e instalar-se na freguesia de Capelas. A ideia de ampliar a sua oficina, até então confinada a uma exigua "falsa" (sótão), começara a inquietá-lo.

Depois de algumas presenças na Feira Internacional do Artesanato (FIA), em Lisboa, que "mal cobriam as despesas", Manuel João Melo, completamente absorvido de trabalho, lança-se num projecto que, desde então, não tem parado de crescer.

Numa primeira fase, este professor reformado procura o apoio do SIRALA (Sistema de Incentivos da Região Autónoma dos Açores) para ampliar o espaço de forma a juntar outros artesãos e potenciar a visita de turistas. Mas é, passados dois anos, que se dá, de facto, a ampliação da oficina de artesanato e se regista a fase impulsionadora de algo mais abrangente que vai emergindo. O projecto, apoiado pelo programa LEADER II, consistiu na ampliação propriamente dita do espaço, com a criação de diversos *ateliers* consagrados a actividades tradicionais micalenses em desaparecimento, e de um espaço de visita procurando divulgar o artesanato, principalmente junto dos mais jovens.

No final de 1998, as peças entretanto reunidas "pediam" mais espaço. Compradas, achadas ou oferecidas pela população local ou alguém de fora - como um certo lisboeta que remeteu para o museu várias canetas de aparo - das quais Manuel João Melo muito se orgulha - a verdade é que o acervo do Museu Vivo não parava de crescer.

Enquanto nos guia pelos corredores do museu, autênticas ruelas de uma vila imaginária onde tudo parece muito real, e os cheiros denunciam os ofícios representados, Manuel João Melo conta a história de al-



gumas das peças ali expostas... como a das garrafas licoreiras que encontrou abandonadas na rua, que "estão rachadas, não têm valor comercial, mas marcam uma época".

Face à crescente necessidade de (re)criar mais espaços, de enaltecer artes ou ofícios da ilha de São Miguel e de outras ilhas do Arquipélago, uma segunda candidatura é apresentada na ARDE - Associação de Desenvolvimento Regional e entidade gestora do Programa naquele concelho, desta vez, no quadro do LEADER+. A produção de material de divulgação e promoção do museu e a aquisição de algum equipamento, foram os objectivos deste projecto que rondou os três mil euros. Apoio financeiro muito bem-vindo mas quase sempre insuficiente, obrigando a recorrer "ao bolso e à banca" não poucas vezes.

Com 65 anos de idade, Manuel João Melo, vai pensando já no que fará, um dia, quando nem ele, nem a sua mulher - que o tem acompanhado nesta aventura - já não tiverem forças. Deixar o museu e todo o seu espólio à freguesia é uma forte possibilidade.

Um museu, ou, talvez melhor, uma oficina-museu que o seu proprietário ainda não pensou seriamente em registar mas que, fruto da sua enorme dedicação, tem vindo a merecer referência nos roteiros turísticos da ilha.

Idealizado e concebido "a pensar nos ambientes da minha infância... O meu avô teve uma loja de fazendas e depois uma mercearia; o meu pai, uma ourivesaria e relojoaria. São estes ambientes, da minha infância, que procuro aqui recriar e que, no fundo, constituem o legado que um dia quero deixar", o Museu Vivo integra também uma pequena loja que permite aos visitantes adquirir algumas recordações: trabalhos em escama de peixe, miolo de figueira, casca de cebola e alho, bordados e peças de tecelagem, entre outras referências de produção própria. Recriar uma padaria, uma oficina de mecânica e uma escola são projectos a implementar logo que possível... Vontade e ideias não faltam!

Paula Matos dos Santos

Museu Vivo
Rua do Loural, 56
Capelas - São Miguel
Telf: 296 298 202
Horário: 14h às 18h
Encerra aos Domingos



Margem Esquerda do Guadiana

O LEADER na criação de núcleos museológicos

O conhecimento da região designada por Margem Esquerda do Guadiana e dos seus amplos recursos potencialmente musealizáveis, ao nível da diversidade de património natural, histórico-arqueológico e etnográfico, permitiu eleger esta área temática de intervenção como estratégica, quer no Plano de Acção Local (PAL) do programa LEADER II, quer no Plano de Desenvolvimento Local (PDL) do programa LEADER+ da Rota do Guadiana.

O apoio à criação de núcleos museológicos temáticos dispersos pelo território integra-se numa estratégia mais ampla, para a qual congregam também o apoio à criação de alojamento turístico, nomeadamente unidades de turismo em espaço rural, de empresas de animação turística e da requalificação de espaços naturais que, de forma sinérgica, contribuem para o aumento da oferta turística de qualidade da Margem Esquerda do Guadiana e, consequentemente, para o incremento da dinâmica económica do território, com algum impacto ao nível da criação de emprego qualificado.

Neste âmbito, o LEADER II concedeu apoio financeiro à criação ou remodelação/consolidação de 12 Núcleos museológicos, entre os quais se destaca, o Museu de Arte Sacra de Mourão, a Musealização do Lugar de Varas do Fojo (Moura), o Núcleo Museológico do Rio Ardila (Santo Amador - Moura), a Casa-Museu A Forja (Santo Aleixo da Restauração - Moura) e a Musealização da Necrópole da Achada de S. Sebastião (Mértola).

Mais significativo que o apoio financeiro foram, sem dúvida, as dinâmicas participativas da população e das entidades locais, as quais contribuíram para um processo exemplar de parceria. A este nível destaca-se o projecto de recuperação da Ermida de S. Barão no qual intervieram, a nível institucional, a Câmara Municipal de Mértola (enquanto promotor e co-financiador da iniciativa), o Campo Arqueológico de Mértola (responsável científico da intervenção) e a Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (delegação de Mértola), a cujos alunos (orientados pelos formadores) se deveu o restauro e musealização da referida ermida. De realçar que este foi um pro-



Rota do Guadiana

cesso que implicou também o envolvimento activo da população que, desde há muito, vinha a reivindicar esta intervenção, uma vez que o culto a S. Barão faz parte da devoção local. Hoje, este local pode ser visitado também por turistas que se aventurem em caminhadas pelos campos de Mértola.

Foi ainda no decurso do programa LEADER II que se realizaram na Margem Esquerda do Guadiana as "XI Jornadas da Função Social do Museu", organizadas pelo MINOM (Movimento Internacional para a Nova Museologia), e que trouxeram a este território reputados investigadores e técnicos nacionais e internacionais, que assim tiveram oportunidade de apresentar e discutir e visualizar *in loco* diferentes experiências nas áreas da museologia e museografia.

Enquanto aprofundamento da estratégia traçada no LEADER II, o LEADER+ permitiu apoiar, até ao momento, três projectos de média dimensão: a Musealização da Igreja de Nossa Senhora do Deserto de Noudar, em Barrancos (integrada no complexo urbano e monumental do Castelo de Noudar e classificada desde 1910 como Monumento Nacional); o Museu da Água, integrado na zona envolvente ao convento de S. Francisco de Mértola (ver caixa); e a Revitalização de Moinho de Vento, em Serpa.

Paralelamente, têm sido concretizados outros projectos ou actividades, de menor dimensão, sobretudo ao nível do investimento em termos financeiros, mas que contribuem para a animação ou complemento da informação sobre os espaços criados, nomeadamente a edição de catálogos das exposições, entre outras iniciativas.

Ana Alexandre
Rota do Guadiana

Museu da Água



A família Zwanikken, de nacionalidade holandesa, adquiriu o Convento de S. Francisco e os terrenos confinantes em 1980. Desde então, dedicou-se ao restauro, conservação e valorização, quer do convento, quer da área envolvente. Actualmente, o convento e os terrenos dão lugar a uma galeria de arte, hortas e jardins biológicos e um refúgio ornitológico - alojando, entre outros, a maior colónia de peneireiros das

torres (*Falco Naumanni*) da Península Ibérica.

Nas áridas terras do Convento, o trabalho dos frades franciscanos na luta pela água deixou rastros de vários séculos. Aqui pode ser observada a nora de idade respeitável, a barragem, os regos e tubos, os tanques e as cisternas e ainda os socacos, a horta biológica e o biotopo.

Como a água é um bem cada vez mais escasso em todo o mundo, podemos apreender muito dos esforços e da inventividade de várias gerações com vista à sua captação e conservação. A presença e concentração destas diferentes estruturas numa só localização espacial deu origem à ideia de transformar parte dos terrenos em museu, museu da água, museu ao ar livre.

A principal peça deste museu é uma antiga cisterna equipada com um sistema original: o macho de outros tempos foi substituído por um "macho" mecânico (uma roda com alcatruzes, em ferro) accionado por computador e alimentado a energia solar. Esta é uma obra do escultor Christiaan Zwanikken, que se dedica à arte cinética.



Paula Melo do Santos

Ponta Delgada e Vila do Porto

Grupo Oriental do Arquipélago dos Açores. Duas ilhas: São Miguel e Santa Maria. Igual número de concelhos: Ponta Delgada e Vila do Porto. Evoluções demográficas contrastantes e especificidades próprias, mas idêntico isolamento e situação ultraperiférica.

Constituído pela parte Oeste da Ilha de São Miguel, correspondente ao concelho de Ponta Delgada, e concelho de Vila do Porto, na ilha de Santa Maria, o território da ARDE - Associação Regional para o Desenvolvimento, é composto por 24 freguesias (19 de Ponta Delgada e cinco de Vila do Porto), que se expandem ao longo de uma superfície de 319,09 km² das primeiras duas ilhas descobertas e povoadas na Região Autónoma dos Açores (RAA).

Os dois concelhos têm um efectivo populacional de 51 255 habitantes, que equivale a uma densidade de 160,63 hab/km². A principal fatia deste contingente localiza-se em Ponta Delgada, com 45 627 habitantes, enquanto Vila do Porto se limita a 5 628 habitantes.

De acordo com dados do Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA), entre 1991 e 2001, o concelho de Vila do Porto registou uma quebra de -4,9 por cento, que contribui para a quebra de -13 por cento verificada nas últimas três décadas. Pelo contrário, nas 19 freguesias de Ponta Delgada que fazem parte da Zona de Intervenção (ZI) da ARDE verificou-se o fenómeno inverso, com uma subida de 8,2 por cento. Número que não encontra equivalência em todo o território, dado que freguesias como São Roque, Mosteiros e Ginetes apresentam descidas de -10%, -8% e -1,7 por cento, respectivamente.

A evolução demográfica da ZI da ARDE reflecte-se na densidade populacional. Enquanto Vila do Porto apresenta uma densidade de 58 hab/km², revelando uma tendência decrescente em relação a 1991 (61 hab/km²), o concelho de Ponta Delgada apresenta uma densidade de 205,5 hab/km², número em crescimento face aos últimos Censos (190 hab/km²). Números antagónicos, que cruzados, ajudam a perceber o valor de crescimento de 1,7 por cento da população na RAA.

Ao nível da estrutura etária, os dois concelhos revelam tendências comuns ao país. A população jovem (0-14 anos), regista descidas de -27,3 por cen-

to em Vila do Porto e -15,1 por cento em Ponta Delgada, no período entre os dois últimos Censos. Contudo, o peso desta população continua a ser mais elevado do que a população idosa, apesar deste segmento populacional registar subidas, em alguns casos acentuadas (15,6% em Ponta Delgada, e 5,9% em Vila do Porto).

Números que reflectem o índice de envelhecimento de 4,9 por cento em Vila do Porto e de 14,1 por cento em Ponta Delgada. Muito abaixo do mesmo índice contabilizado na RAA, que atinge o preocupante valor de 52,4 por cento, segundo dados da SREA.

No domínio da saúde, e de acordo com o SREA, a taxa média de mortalidade infantil, em 2003, foi de 2,9 por mil nados vivos, valor mais baixo de sempre nos Açores, inclusive abaixo dos 4,1 registados em Portugal. Em 1990, a região apresentava uma taxa média de mortalidade infantil de 14,1 por mil. Uma diminuição acentuada, reflexo, entre outras coisas, do investimento realizado ao nível do sector da saúde, que incluiu a construção de um novo hospital.

Investimento que ainda não tem paralelo no âmbito da formação. Segundo dados do SREA, em 1991 a taxa de analfabetismo da RAA situava-se em 10 por cento. O concelho de Ponta Delgada registava valor quase idêntico (9,4%) e Vila do Porto apresentava um nível um pouco superior (13,3%). Valores significativos, ainda mais, atendendo à baixa percentagem de residentes com formação superior. Em Ponta Delgada, este número atingia os 5,8 por cento, sendo ainda mais baixo em Vila do Porto, onde não ultrapassava os 2,6 por cento.

O terreno fértil, de origem vulcânica, aliado ao clima ameno durante todo o ano, estabelecem condições edafo-climáticas ideais para a agricultura. No entanto, segundo a coordenadora da ARDE, Ana Paula Machado, o "peso da agricultura tem diminuído". Uma perspectiva confirmada pela redução de área agrícola na RAA. De 119 hectares de Superfície Agrícola Utilizada (SAU), em 1989, passou-se para 114 hectares em 1997. Apesar de tudo, em 1999, o peso do Sector Primário ao nível do emprego era de 18,1 por cento, correspondente a 16 por cento de agricultura e 2,1 por cento para a Pesca.

Em Ponta Delgada e Vila do Porto, as pastagens permanentes e as hortas familiares são as culturas predominantes, quer em explorações, quer em área ocupada, seguindo-se a vinha, batata, leguminosas secas, citrinos e frutos sub-tropicais. A produção de leite constitui uma fatia importante da

produtividade. Na ilha de São Miguel, a produção leiteira manteve a tendência de crescimento verificada nos últimos anos, atingindo os 267 mil litros em 1998. Um aumento de 32,4 por cento em relação ao ano transacto. Ao nível da pesca, atum, goraz, cherne, Imperador ou garoupa, surgem como espécies mais representativas da actividade no Grupo Oriental. No entanto, de acordo com dados da Direcção Geral de Estudos e Planeamento (DREPA), a captura de tunídeos registou uma diminuição de 32 por cento, entre 1993 e 1998 (de 2 927 toneladas para 1 988 toneladas). O restante pescado teve evolução inversa, com uma aumento de 10 por cento, durante o mesmo período.

Ainda de acordo com valores referentes a 1999, o Sector Secundário correspondia a 24,6 por cento, destacando-se os segmentos de construção (12,9%) e Alimentares (5,5%), enquanto o Sector Terciário assumia a principal fatia de emprego, correspondendo a 57,3 por cento. Neste sector, a administração pública continuava a evidenciar peso elevado, correspondendo a 11 por cento.

Turismo em crescimento

O turismo é uma das actividades com maior potencial para a região. Contudo, de acordo com Ana Paula Machado, é ainda "extremamente sazonal".

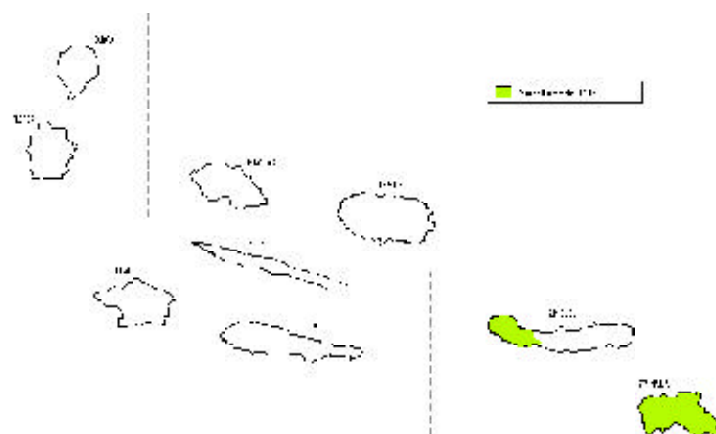
Apesar disso, o crescimento tem sido acentuado. Tendência que se manifesta na capacidade de alojamento. Na RAA, o número de estabelecimentos turísticos triplicou entre 1991 e 1999, enquanto nos concelhos de Ponta Delgada e Vila do Porto aumentou de 21 estabelecimentos em 1991, para 57 em 1999.

A região revela um aumento da procura turística, com um considerável crescimento no número de hóspedes e de dormidas, principalmente por parte do visitante português, que representa 3/4 do total de turistas. O principal problema deste sector é a baixa média de estada por parte dos visitantes, o que deriva, em grande parte, da escassez de alternativas de ocupação, entretenimento e animação.

Sem respostas de animação, a atractividade turística sustenta-se em áreas como a preservação ambiental, que representa uma importante mais-valia. A este nível, a ZI da ARDE conta com o Sítio de Interesse Comunitário de Ponta do Castelo (Santa Maria), a Paisagem Protegida das Sete Cidades (São Miguel), e as Reservas Naturais da Baía dos Anjos, Baía de São Lourenço, Baía da Maia e Baía da Praia (Santa Maria).

No capítulo do património construído, assume especial importância a construção de carácter religioso, de que são exemplos as Igrejas Matriz, de São José, e de São Pedro, ou o Convento e Capela de Nossa Senhora da

Zona de Intervenção LEADER+



Esperança.

Referência necessária ao centro histórico de Ponta Delgada, que engloba património vasto e diversificado, como as Portas da Cidade, os Paços do Concelho, o Palácio de Sant'Ana ou o Forte de São Brás, além do exemplar Museu Carlos Machado, instalado no antigo Mosteiro de Santo André. Fora da cidade, a museologia surge complementada no "Museu Vivo", em Capelas, embora Sete Cidades, encostada às lagoas Azul e Verde, represente o núcleo mais emblemático do concelho.

Em Santa Maria, núcleos como Lugar dos Anjos, São Lourenço e Maia constituem os povoados de maior expressão turística. Também aqui, a arquitectura religiosa desempenha um papel importante, de que são exemplos a Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Vila do Porto), o Convento de São Francisco, a Ermida dos Anjos e a Capela de Reconhecimento de Santa Maria Madalena. Espaço ainda para referir o interessante Museu Etnográfico de Santa Maria, em Santo Espírito e o Farol da Maia.

No domínio etnológico, destaque para o artesanato, que contempla áreas diversas como os bordados em linho, tecelagem, figuras e flores em folha de milho e escamas de peixe, trabalhos em vime, cerâmica, trabalhos em palha, junco, lá de ovelha, osso e dente de cachalote.

Exemplos da riqueza cultural das ilhas, necessariamente incompletos sem uma referência às gastronomias micaelense e mariense. A destacar: sopas do Império, caldo de nabos, bolo na panela, caçoila, caldeirada de peixe, caldo azedo, torresmos de molho de fígado, linguiça com inhame, polvo guisado ou assado, arroz de lapas, morcela com ananás, ou mariscos (cavaco, lagosta, lapas e cracas), além do ananás, queijos, licores, chá, bolo lêvedo, massa sovada, malassadas, barrigas de freira, biscoitos de aguardente, biscoitos de orelha, cavacas e licores de frutos.

Gastronomia associada, muitas vezes, a celebrações, como as Festas do Espírito Santo, a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ponta Delgada), a Festa das Vindimas e o Festival Maré de Agosto (Vila do Porto). Boas razões para justificar a visita às Ilhas de São Miguel e Santa Maria.



Paisagem dos Setes



Paisagem dos Setes

ARDE

Associação Regional para o Desenvolvimento



Constituída em Setembro de 1995, a ARDE resultou de uma parceria entre as câmaras municipais de Ponta Delgada e Vila do Porto, a Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada e a Santa Casa de Misericórdia de Ponta Delgada, as quais se constituíram como associados. A gestão do programa LEADER II nos concelhos de Ponta Delgada (São Miguel) e Vila do Porto (Santa Maria) era o objectivo imediato. Desde 1995, com maior intensidade desde 1998, é em torno dos programas LEADER II (primeiro) e LEADER+ (actualmente) que a ARDE desenvolve toda a sua actividade.

Na ARDE assume-se que no início a implementação do Programa não foi fácil, mas hoje em dia a gestão do LEADER+ avança normalmente. Depois de alguns anos a divulgar e a promover intensivamente o LEADER II, a ARDE apresenta-se inequivocamente ligada a este Programa e ao Desenvolvimento Rural na região.

Sediada no centro da cidade de Ponta Delgada, a associação é muito procurada em busca do mais variado apoio. E se nem sempre a resposta está no LEADER, quase sempre existe uma informação que poderá ajudar a encontrar o bom caminho. É o que atestam Ana Paula Machado e Daniela Soares, da Equipa Técnica do GAL (Grupo de Acção Local) da ARDE. Não muito diferente é o dia-a-dia de Sérgio Cabral, Animador da Delegação da ARDE em Santa Maria. Actualmente, são estes três técnicos que mantêm a máquina da ARDE a funcionar. Ainda que Ana Paula Machado

sublinhe o apoio da Direcção, designadamente do seu presidente, esta jovem e reduzida equipa não deixa, no entanto, de admitir algumas dificuldades. A constante entrada e saída de técnicos é, com efeito, uma das características desta associação que nada contribui para o melhor funcionamento da mesma. "Esta rotatividade de técnicos", afirma Ana Paula Machado, "continua a ser, de facto, um aspecto negativo". A figura do contrato a termo certo leva os técnicos a trocar aquela entidade empregadora por outra quando surge uma oportunidade.

Na sede ou no terreno, durante as imprescindíveis visitas aos projectos, os técnicos apostam num relacionamento fácil e directo com os promotores.

Através do LEADER II, a ARDE teve uma intervenção abrangente, com destaque para o investimento nas vertentes do turismo em espaço rural, artesanato, património e ambiente. O balanço positivo da sua actividade entre 1995 e 2001, trouxe-lhe o LEADER+ para continuar a desenvolver a sua estratégia de intervenção.

E depois de 2006? Será que o reconhecimento que a associação já tem, junto daqueles que são alvo da sua acção, de outros actores locais e da população em geral, poderá permitir a sua continuidade depois do LEADER+, e o alargamento da sua actividade, desenvolvendo um papel cada vez mais activo?

ARDE
Rua Manuel Inácio Correia, 73 - 1º Esq.
9500 Ponta Delgada
Telefone: 296 281133
Fax: 296 281135
E-mail: arde.azores@mail.telepac.pt
Internet: www.arde.cybermap.pt

Órgãos sociais

Assembleia-geral: Presidente: Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada (Costa Martins) | Vice-Presidente: Câmara Municipal de Vila do Porto (Alberto Costa) | Secretário: Cooperativa Bom Pastor (José Octávio Oliveira) | Direcção: Presidente: Câmara Municipal de Ponta Delgada (António Almeida) | Vice-Presidente: Câmara Municipal de Vila do Porto (Nélia Figueiredo) | Secretário: Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada (Henrique Santos) | Tesoureiro: Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada (Guilherme Miranda) | Vogal: CRESAÇOR (Carlos Faiais) | Conselho Fiscal: Presidente: Câmara Municipal de Vila do Porto (Eugénio Silva) | 1º Vogal: Universidade dos Açores (Maria João Pereira) | 2º Vogal: Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada (Victor Nola)

Parceria LEADER+ (GAL)/Associados

Câmara Municipal de Ponta Delgada, Câmara Municipal de Vila do Porto, Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada, Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada, CRESAÇOR, Cooperativa Agrícola Bom Pastor, Universidade dos Açores

PDL LEADER+

Melhorar a qualidade de vida das populações

Com uma estratégia de intervenção baseada na valorização dos recursos naturais e culturais, a ARDE definiu como objectivos gerais do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) a melhoria da qualidade de vida das populações rurais, a fixação da população nas zonas rurais, a valorização, qualificação e reconhecimento do potencial endógeno dos espaços rurais e a protecção do ambiente natural.

Especificamente pretende-se: qualificar os recursos humanos e dinamizar a população rural; diversificar as actividades económicas e modernizar o tecido empresarial; valorizar e proteger o património natural, cultural e edificado; diversificar a produção agro-pecuária e piscícola; promover e reforçar o carácter organizacional e de parceria; e divulgar e promover os produtos locais.

A aposta da associação recai assim, ao nível dos investimentos, na recuperação do património construído, na criação, adaptação e recuperação de infra-estruturas (de apoio ao turismo e à formação), na criação e conservação de zonas de lazer e de utilidade colectiva, no apoio à modernização de dois circuitos de comercialização de produtos turísticos e artesanais, na criação e modernização de PME, no apoio a acções de dinamização turística e na diversificação das actividades agrícolas, silvícolas e piscícolas; aquisição de

equipamentos de apoio a actividades lúdicas e tradicionais e de carácter social indispensáveis ao desenvolvimento rural. No capítulo do Imaterial, a ARDE criou as seguintes acções: incentivo ao desenvolvimento de actividades sócio-culturais e tradicionais; preservação do ambiente e qualidade de vida; promoção dos produtos turísticos e artesanato; promoção de produtos com relevância cultural, patrimonial, social e ambiental; e apoio a iniciativas com introdução de novas tecnologias.

Registando uma grande afluência de intenções de candidaturas, logo nos primeiros meses de LEADER+, a ARDE apresenta, neste momento, submedidas com a verba praticamente esgotada. Para a coordenadora da ETL, Ana Paula Machado, tal já era esperado, devido ao sucesso alcançado no LEADER II.

De acordo com dados da ARDE, o investimento total aprovado até 10 de Novembro último era de 4 735 497,21 euros (dos 5 261 699,66 programados no PDL) distribuídos assim: 3 012 464,58 na Medida 1 (Investimentos), 1 048 049,70 na Medida 2 (Acções Imateriais) e o restante na Medida 4 (Despesas de funcionamento do GAL). No total 112 projectos aprovados: 77 no concelho de Ponta Delgada, 35 no de Vila do Porto.

Textos de Paula Matos dos Santos

Equipa Técnica do GAL



Ana Paula Machado
Coordenadora

Natural de Ponta Delgada (freguesia de Matriz), Ana Paula Machado vai para Lisboa em 1994 para se formar em

Economia no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). Em 1998 regressa a São Miguel em consequência da transferência efectuada para Gestão de Empresas na Universidade dos Açores. Quando entra na ARDE, em Março de 2002, falta-lhe uma cadeira para concluir a licenciatura, mas leva seis meses de experiência profissional adquirida no Banco Comercial dos Açores.

Em Abril deste ano, é nomeada coordenadora da Equipa Técnica do GAL. A saída da antiga coordenadora leva a Direcção a desafiá-la para aquele cargo. Um desafio aceite de imediato sem tempo para grandes sustos... "Assustei-me um pouco quando a Emília saiu [antiga coordenadora] mas agora não me assusta muita coisa". Sublinhando a organização da antiga coordenadora da ARDE, Ana Paula Machado afirma que "a passagem do testemunho foi fácil". Visivelmente satisfeita com o trabalho desenvolvido, Ana Paula pretende continuar, "pelo menos até ao final do LEADER+". Ana Paula Machado vive actualmente na Fajã de Baixo (Ponta Delgada) e tem 29 anos.



Daniela Soares
Técnica Superior

Daniela Soares nasceu, em 1975, em Coimbra por acaso. Os pais, naturais de São Miguel, encontravam-se naquela cidade a trabalhar. Chegando ainda bebé a São Miguel, afirma-se, orgulhosamente, "100% açoriana". Concluiu o 12º ano de escolaridade, Daniela Soares segue para Lisboa. Objectivo: tirar a Licenciatura em Sociologia na Universidade Lusófona. Terminado o curso decide ficar para dar início à sua vida profissional mas, em vez disso, opta por uma Pós-graduação em Sociologia das Religiões, seguida de outra em Sociologia da Educação; ambas na Universidade Nova de Lisboa, onde se inscreve logo a seguir no Mestrado em Sociologia da Saúde e da Exclusão Social. Quando já só faltava a tese, regressa a São Miguel.

Após um estágio de seis meses no Instituto de Acção Social, entra numa empresa de consultoria e projectos, onde fica até Março desse ano, quando surge a oportunidade de entrar na ARDE. Considerando-se "uma eterna insatisfeita", Daniela Soares define de "muito enriquecedor" o seu trabalho.



Sérgio Cabral
Animador da Delegação em Santa Maria

Na ARDE desde 1995, Sérgio Cabral é o técnico com mais anos de associação. Prestava serviços na Câmara Municipal de Vila do Porto - de onde é natural - quando aquela entidade o desafiava a integrar a delegação da ARDE em Santa Maria. Com a ARDE não vinha a estabilidade que Sérgio procurava mas decidiu-se pelo sim... "Achei o projecto interessantíssimo... trabalhar com as pessoas, valorizar o potencial de Santa Maria".

Implementar o programa LEADER II em Santa Maria não foi fácil, tal como ainda hoje não é em relação ao LEADER+. "No primeiro ano tive apoio de uma técnica de Vila do Porto, que me encaminhou para o funcionamento do programa mas a partir daí... sempre sozinho".

Além do trabalho desenvolvido na ARDE, cuja existência e papel considera essenciais para o desenvolvimento das regiões, Sérgio Cabral foi, pouco a pouco, envolvendo-se noutras actividades, designadamente, na Associação Juvenil de Santa Maria, da qual é presidente. Além disso, Sérgio Cabral, 30 anos, é conselheiro regional da juventude, deputado municipal e estudante universitário (Sociologia na Universidade dos Açores).

Um fim-de-semana em... Ponta Delgada e Vila do Porto

Da maior cidade à mais antiga vila dos Açores

Dois concelhos, dois paraísos naturais, uma paisagem sempre estimulante. Ponta Delgada: do centro histórico às deslumbrantes paisagens da Lagoa das Sete Cidades, impõe-se uma paragem em Capelas, Mosteiros e Candelária. Vila do Porto: impressionam os vestígios da presença americana durante a II Guerra Mundial, o Deserto Vermelho, os "degraus" de pedra vulcânica, a Praia Formosa...

Partimos de Ponta Delgada. A maior cidade açoriana, cujo centro histórico é multissímo rico a nível de edifícios e monumentos, bastante ilustrativos da arquitectura erudita da cidade, evidencia o contraste entre o basalto negro dos elementos construídos e as paredes caiadas, e da qual são bons exemplos, as Portas da Cidade (três arcos setecentistas), a Igreja Matriz de S. Sebastião e o Convento e Capela de N. Sr.ª da Esperança.

Para nascente, seguimos para a Fajã de Baixo e São Roque. Com as estufas de ananases a compor a paisagem, paramos para admirar a Igreja Paroquial de N. Sr.ª dos Anjos. Em São Roque, a Praia do Pópulo convida à contemplação do azul do mar. Um pouco mais adiante, no Livramento, a proposta é conhecer a Quinta de São Caetano. Uma unidade de turismo rural recentemente inaugurada, merecendo o apoio do programa LEADER+. Igualmente alvo deste Programa, foi o Canil Mata do Eucalipto onde a "estrela" é o Cão de Fila de São Miguel.

Para ponte, a caminho das Setes Cidades, impõe-se uma paragem nas Capelas. Debruçada sobre o mar, importante centro de veraneio, Capelas dá também morada ao "Museu Vivo". Uma oficina-museu onde estão representadas artes e ofícios tradicionais da "ilha verde" e onde é possível adquirir artesanato micalense. De volta à estrada regional, entre Santo António e Bretanha, sucedem-se os miradouros e as zonas de lazer sobre o mar. Mais adiante... Mosteiros. Vale a pena determo-nos um pouco...

Erguida na costa recortada por enseadas e rochedos, com uma lindíssima baía, convidativas piscinas naturais e uma praia de areia negra com vista privilegiada para os ilhéus dos Mosteiros, que terão baptizado a vila. Logo depois deparamo-nos com Sete Cidades... Mítico e deslumbrante cenário, verdadeiro ex-libris açoriano, classificado como Paisagem Protegida em 1980. A beleza da Lagoa das Sete Cidades, composta pelas lagoas Azul e Verde, constitui uma das mais fortes referências de São Miguel e a alma desta pequena freguesia situada no interior da cratera da Caldeira, na margem Oeste da Lagoa Azul. Profusamente ladeados de hortênsias, que, infelizmente nesta altura, não se encontram em flor, pequenos caminhos conduzem-nos aos vários miradouros na crista da caldeira. A Vista do Rei é, talvez, o mais famoso e assim chamado desde que por ali passaram o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia.

Próxima paragem: Candelária. Aqui, para além do olhar atento que esta freguesia merece, importa visitar o "Quintal dos Açores". Uma empresa familiar, apoiada pelo LEADER+, de onde saem compotas e salmouras confeccionadas com base em receitas tradicionais.

De regresso a Ponta Delgada, dirigimo-nos para o aeroporto. A via aérea é a forma mais usual para chegar a Santa Maria. Chegados a Vila do Porto - apontada como a mais antiga do Arquipélago - em direcção ao centro, a importância do aeroporto na ilha de Santa Maria durante a II Guerra Mundial salta à vista. Os vestígios da "cidade do aeroporto" (um bairro-jardim de ruas largas e edifícios pré-fabricados), construída pela Força Aérea Americana, ainda estão bem presentes. No centro sobressaem, a nível arquitectónico, o Convento de S. Francisco e Igreja de N. Sr.ª da Vitória e a Igreja Matriz de N. Sr.ª da Assunção.

Deixando Vila do Porto pelo lado ocidental da ilha, em direcção ao Norte, rapidamente chegamos à freguesia de São Pedro. Mais para Norte, à beira-mar, fica Anjos, com as suas piscinas naturais e ermida. Em frente, o monumento comemorativo dos cinco séculos da passagem de Cristóvão Colombo por ali. Ao lado, o Centro Cultural Cristóvão Colombo (apoiado pelo LEADER II). Voltando dos Anjos pela mesma estrada, descendo em direcção ao mar, passando junto da Ermida dos Milagres, apresenta-se o Barreiro da Faneca, também conhecido por Deserto Vermelho, uma zona de terra rasa incultas e muito vermelha onde se extrai o barro. Outrora, o mais importante rendimento municipal - devido à sua qualidade - cuja actividade a ele associada se tenta actualmente reatar.

Infectimos para sudeste, para Santa Bárbara. Pitoresca freguesia, encaixada num vale, onde se preservaram as molduras (as "vistas") de cor (azul-anil, no caso) da casa mariense, que antigamente distinguiam cada uma das cinco freguesias da ilha.

Em São Lourenço, nos degraus construídos "à força de braços" com pedra vulcânica, crescem as vinhas que produzem afamado vinho, e se planta o trigo e o milho.

A maior freguesia de Santa Maria - Santo Espírito - deve o nome ao facto de aqui se ter celebrado a primeira missa em honra do Espírito Santo nos Açores. Repare-se na Igreja de N. Sr.ª da Purificação, visite-se o Museu de Santa Maria (onde se destaca a olaria e arte sacra) e procure-se a Cooperativa de Artesanato de Santa Maria, para levar massa sovada, cavacas de Santa Maria e biscoitos de orelha, entre outras coisas.

Pela zona oriental da ilha, em direcção à costa, partimos à descoberta da Praia Formosa. Uma das principais estâncias balneares da ilha, onde tem lugar, desde 1985, o Festival Maré de Agosto. Uma maré de música, literatura, artes plásticas que atrai milhares de jovens de outras ilhas e do Continente.

Paula Matos dos Santos



para dormir

Quinta de São Caetano

Rua de S. Caetano, 38 - Livramento
Tel: 296383713
E-mail: info@quintascaetano.com.pt
www.quintascaetano.com.pt

Quinta Nossa Senhora de Lourdes

Rua da Igreja, 132 - São Vicente Ferreira
Tel: 296919626

Casa do Monte

Est. Regional de Santo António - Alem Capelas
Tel: 296298144

Casa do Norte

Lugar do Norte, Santa Bárbara - Vila do Porto
Tel: 296 886338
E-mail: info@lauristur.com
www.lauristur.com

Moinho da Bibi

Canada do Moinho, 5 - Candelária
Tel: 296 381486
E-mail: o@moinhobibi.com
www.moinhobibi.com

para comer

Restaurante "O Cagarro"

Rua das Províncias, 2 - Fajã de Cima
Tel: 296 638598

Restaurante "Toca do Abade"

Corujeira - Raba
Tel: 296 672882

Restaurante "White-Shark"

Praia das Milícias - Ponta Delgada
Tel: 296 636466

Restaurante "Rosa Alta"

São Pedro - Vila do Porto
Tel: 296 884990

E-mail: patricia.barroco@clix.pt

Restaurante da Estalagem Senhora da Rosa

Senhora da Rosa, 3 - Fajã de Baixo
Tel: 296 628150

E-mail: senhora.rosa@mail.telepac.pt

para visitar

"Museu Vivo"

Rua do Loural, 56 - Capelas
Tel: 296 298202

Velho Moinho de Vento

Rua da Vila Nova, 71 - Fajã de Cima
Tel: 296 638014

Museu de Santa Maria

Rua do Museu, Santo Espírito - Vila do Porto
Tel: 296 884844

E-mail: santamaria@netsapo.pt

Ponta da Ferraria (Águas Termais), Mosteiros

Lagoa das Sete Cidades, Sete Cidades

Forte de São Brás

Largo Sousa e Silva - Vila do Porto

Pinhal da Paz, Fajã de Cima

Miradouro da Ajuda da Bretanha

Estrada Regional - Ajuda da Bretanha

para levar

Bolo da Serã, Cavacas, Bordado a Matiz, Compotas e Pimentas, Mel, Artesanato em miolo de figueira e escama de peixe, música tradicional

Massa sovada, Ananás, Orlaria "Talhão Mariense", Tecelagem em lã de ovelha, Cestaria

Conhecer para preservar, preservar para conhecer

Pensar o museu, hoje em dia, é pensar numa organização perfeitamente integrada na comunidade na qual existe. Desta forma, o museu não deverá encerrar-se no espaço físico do seu edifício nem centrar as suas investigações nas colecções que possui, mas alargar-se a um campo de investigação multidisciplinar relacionado com a região onde se insere. O museu deixará, assim, de ser um mero depósito da memória e passará, a par de outras instituições, a propor alternativas para o desenvolvimento local.

Os museus devem ser considerados como uma estrutura dinamizadora de uma acção cultural, o espelho de uma região, uma unidade didáctica e pedagógica que tem por missão comunicar com o público, sendo o seu papel importante para o estudo da história local, em que cada terra tem um passado, uma tradição, uma história, competindo aos agentes locais melhor que ninguém promover esse passado essa tradição e essa história.

Nas Terras de Sousa (Zona de Intervenção da ADER-SOUSA), importa destacar três projectos que demonstram a importância do papel dos museus nas comunidades locais: o Museu da Broa, o Museu do Móvel e o Museu Casa do Assento.

Museu da Broa e Museu do Móvel

No concelho de Penafiel, a Junta de Freguesia de Capela, pretende criar, com o apoio do programa LEADER+, o Museu da Broa. Um circuito turístico-pedagógico original na região para dar a conhecer as diversas fases de fabrico da broa. Para tal, está a proceder à recuperação de seis moinhos situados ao longo do ribeiro da Trunqueira, assim como da zona envolvente. Objectivo: apresentar fotograficamente todo o processo de moagem e fabrico da broa.

Em Paços de Ferreira, os antigos Paços do concelho que serviram e orgulharam os pacenses no último século, assumem agora funções de Museu Municipal - Museu do Móvel, fruto da vontade da população e da autarquia local.

Remodelado para fins museológicos, com o apoio do programa LEADER II, o Museu do Móvel apresenta exposições que valorizam a história do concelho, englobando-a e relacionando-a com a história geográfica da produção de mobiliário. Nos seus espaços transmite-se a importância que as ferramentas tiveram no trabalho do móvel, permitindo a defesa e divulgação das artes e ofícios predominantes do concelho, usos e costumes e em particular a valorização e divulgação de tudo o que tem a ver com o percurso no domínio da madeira e mobiliário até à actualidade.

Inicialmente, este museu surgiu como resposta à necessidade de centralizar e conservar o acervo disperso pelos vários serviços da câmara municipal e pelo concelho de Paços de Ferreira. Desde a sua inauguração, este museu procura dar continuidade ao seu projecto cultural, dando prioridade a inúmeras iniciativas: preservação, trata-

mento e divulgação do acervo que tem à sua guarda; tratamento e divulgação de espólios; realização de exposições realização de conferências, *workshops* e visitas guiadas; incentivo da investigação na área do móvel; promoção da arte do móvel; valorização do património do concelho.

Actualmente, o Museu do Móvel assume um papel preponderante na divulgação das artes e ofícios, na promoção e investigação da arte do móvel, procurando fazer a ligação entre o trabalho artesanal e o industrial, com a reutilização, mudança e renovação dos espaços do Museu, vocacionados agora para a comunicação visual que é cada vez mais procurada e inovadora.

Museu Casa do Assento

O museu Casa do Assento está situado na freguesia de Friande, concelho de Felgueiras. Diz-se que a Casa do Assento começou por ser residência paroquial, e que aí se efectuava o assento de baptizados, casamentos e óbitos (daí o seu nome); mais tarde é adquirida pela família Ferreira Leite. O espaço da casa destinado ao Museu é oficialmente inaugurado a 15 de Agosto de 1993, pelo seu proprietário (Américo Ferreira Leite). Aquando da sua morte, em Fevereiro de 2001, deixa como legado à Câmara Municipal de Felgueiras a Casa do Assento e o seu recheio, deixando, no entanto, o seu usufruto a familiares. Em Maio de 2002, a Câmara Municipal de Felgueiras adquire o usufruto da Casa do Assento aos herdeiros e, em Outubro de 2002, dá-se início aos trabalhos de reorganização e reestruturação daquele espaço.

Este museu representa o expoente do mundo rural da região cujas tradições e bens tendem a desvanecer-se. Esta obra material e intelectual, única na região, tem gravada a memória de um passado cultural riquíssimo.

Trata-se de um museu etnográfico, estruturado em ciclos de actividades rurais (nomeadamente, do pão, do vinho, do linho e azeite), possuindo ainda um pequeno núcleo de arte sacra e de trajes.

Actualmente, ainda que seja possível visitar este Museu (mediante marcação prévia), o edifício carece de uma intervenção arquitectónica, de modo a ajustá-lo às exigências do projecto museológico. Em simultâneo, está a efectuar-se o tratamento técnico das peças, com o apoio de técnicos especializados, nomeadamente na área da conservação de materiais.

Em 2004, o Museu avança com a primeira iniciativa voltada para o exterior através do projecto "A Escola vai ao Museu". Este projecto consiste na visita dos alunos e respectivos professores ao sector educativo do Museu, onde, através de jogos didácticos, fichas de exploração e diapositivos, são apresentadas as etapas do ciclo do pão.

Nos próximos anos lectivos, o Museu pretende alargar a sua oferta pedagógica, introduzindo novas pastas - linho e vinho - e uma maior diversidade de actividades a realizar no espaço da Casa do Assento, nomeadamente a criação de um *atelier* de tecelagem.



Roteiro museológico do concelho de Alcoutim

Contar história e valorizar comunidades

Alcoutim. Município do nordeste algarvio com um território vasto de cerca de 577 Km² e com uma herança rica no que respeita ao património histórico-cultural.

A partir da década de 90, a Câmara Municipal de Alcoutim decidiu aproveitar esta riqueza, começando a definir as linhas-mestras para a criação de um roteiro museológico no município.

A ideia de constituição dos núcleos museológicos do concelho de Alcoutim, nasce da necessidade de criar um espaço de informação sobre os modos de vida locais, que contribuisse para a valorização da própria comunidade, e que contasse a história dos povos que habitaram o concelho.

A vastidão do território, a distribuição da população por pequenos núcleos habitacionais e o isolamento a que estão votadas algumas freguesias, sugeriam a ideia de distribuição espacial e temática dos núcleos. Criava-se uma

maior dinâmica espacial para os visitantes, distribuindo a riqueza gerada pelos diversos montes ou aldeias onde se localizam.

Os núcleos museológicos de Alcoutim estão dispersos pelo território do município, localizados em antigas escolas primárias e edifícios de valor histórico, reactivados para este fim. Procuram ser pequenas estruturas multifuncionais que se complementam e articulam num todo geográfico e cultural, evidenciando cada qual, pela temática, aspectos característicos da região. Sempre que possível, o roteiro pode ser complementado com outros pontos de interesse do concelho, artesanato, gastronomia, vestígios arqueológicos e miradouros.

Divisão de Acção Social, Cultura e Desporto
Câmara Municipal de Alcoutim



Castelo de Alcoutim

É a partir do reinado de D. Dinis que se constrói o Castelo de Alcoutim. Mais tarde, já no século XVII, Alcoutim entra nas lutas da Sucessão de Espanha e torna-se numa das fortalezas palco das Guerras da Restauração, mantendo-se como um dos baluartes na defesa da fronteira. De configuração quadrangular, com torre de menagem e duas portas ogivais (uma virada para a Vila, outra para o Rio), foi-lhe acrescentado um patamar ("esplanada") aquando do reforço do século XVII. Recentemente reconstruído, foi-lhe construído um anfiteatro e um átrio que cobre as escavações arqueológicas realizadas no interior da fortaleza.

Núcleo Património Arqueológico do Concelho de Alcoutim

"Do passado ao futuro". É o tema da exposição que tem lugar na galeria do Castelo de Alcoutim. Um percurso que permite a compreensão da história do concelho de Alcoutim, iniciada há mais de cinco mil anos. A visita percorre achados de várias épocas (megalítica, romana, islâmica) bem como a leitura dos futuros projectos arqueológicos do concelho e do próprio espaço onde a exposição se encontra. O museu é o local indicado para recolher informação sobre o roteiro arqueológico, que compreende locais de interesse por todo o concelho.



Ermida de Nossa Senhora da Conceição

Sofreu muitos restauros ao longo dos séculos mas o que torna único este templo - de uma só nave - é a espectacular escadaria barroca, reconstruída na primeira metade do século XVIII. No interior, destaca-se o retábulo barroco da capela-mor, de talha dourada estilo nacional, datado da segunda metade do século XVII. Em posição de destaque a imagem de Nossa Senhora da Conceição, numa redoma, com coroa de prata.

Núcleo Museológico de Arte Sacra (Alcoutim)

"Um olhar sobre as igrejas de Alcoutim". A exposição patente neste núcleo - sediado na Ermida de Nossa Senhora da Conceição - tem como objectivo divulgar o roteiro de arte sacra do concelho, integrando-o no conjunto do património cultural e contribuindo para o conhecimento da sua história singular. A exposição compreende um vasto património religioso que vai desde o século XVI ao século XIX, e dispõe de um roteiro detalhado de todas as igrejas de Alcoutim.

Núcleo Museológico do Pereiro (Fonte de Zambujo)

"A construção da memória". Da cultura popular fazem parte as manifestações de carácter mágico, sagrado ou profano, que, no seu contexto e ciclos próprios, são manifestações vivas, representativas da cultura. Através da cultura oral

e de diferentes manifestações artísticas ou rituais, esta exposição tenta dar a conhecer essa parte mais secreta da vida das comunidades locais.

Núcleo Museológico de Gíões (Farelos)

"Tecer e usar". Uma das mais importantes actividades artesanais do concelho é a tecelagem. Os clientes levavam os materiais: lã ou linho e o fio para a trama, e as mulheres teciam as peças em casa. Este trabalho exige um grande esforço físico, e o preço das peças tecidas - sobretudo mantas de lã - quase não cobre as horas dedicadas à realização. Por isso, a actividade quase desapareceu. Este núcleo museológico tenta ilustrar a técnica de tecelagem da lã e, também, incentivar a sua prática.



Fotografia: C.M. Alcoutim

Núcleo museológico de Martinlongo (Barrada)

"Espelho de nós". Qualquer espelho é parcial... e o espelho de uma comunidade é o conjunto de fragmentos nos quais os seus habitantes se reflectem e tentam reconhecer-se. O núcleo da Barrada pretende reunir informação sobre a formação do concelho, a distribuição e uso das terras, a dinâmica da comunidade como espaço de construção da identidade, mas também de "contaminação" dessa identidade. A cartografia, o cadastro, a iconografia e objectos remetemos para a estrutura fundiária da região e as formas de organização social que caracterizam o concelho.

Núcleo Museológico de Vaqueiros

"Vidas do campo". Peças que mostram a vida nos campos e contam a renovação da vida quotidiana, seguindo o ciclo das estações, das normativas impostas de fora, da vontade e necessidade de inovar. A partir de peças recuperadas em celeiros, armazéns, sótãos e arcas, procura-se mostrar o fabrico do pão e do azeite, como se aproveitam todas as partes do porco, como se mede a produção, e como se continua a produzir utilizando técnicas novas, renovando o que ainda é tradição.

Núcleo Museológico da Escola Primária (Santa Justa)

Como os núcleos museológicos do concelho de Alcoutim são realizados em antigas escolas primárias, julgou-se importante guardar a memória daqueles que "andaram à escola". O núcleo de Santa Justa é um espaço de memórias de infância. As pessoas que recordam a ida à escola no final do dia, depois de trabalharem no campo, que recordam os quilómetros a pé para aprenderem a ler e escrever, ou os brinquedos que faziam com canas, sarapilheiras e trapos. Uma recriação de uma sala de aula da época do Estado Novo, da sociedade rural da Serra do Caldeirão.



Natal *made in* Portugal

Uma cesta de junco do Tramagal recheada com vinho do Porto, queijo Terrincho DOP, mexilhões em conserva da Murtosa, cerejas em pickles da região do Douro, chá preto dos Açores, folhados de Olhão e doce de castanha da Serra da Gardunha, é uma das propostas genuinamente portuguesas que a Loja do Mundo Rural propõe neste Natal.

Cinco cabazes recheados de tradição para surpreender familiares e amigos... Uma cesta da Madeira, uma cesta boleira de Fafe, uma Caixinha de Viana ou um Talego do Alentejo, são as outras hipóteses... Vinho, azeite, queijo, enchidos, compotas, biscoitos, rebuscados... o melhor de Portugal. Mas, preferindo-se, também é possível compor um cabaz "à medida"... A equipa da Loja do Mundo Rural ajudará a fazer as melhores escolhas. Para um Natal *made in* Portugal.



Loja do Mundo Rural
Rua Saraiva de Carvalho, 216 r/c Esq. Lisboa
Telf. 21 395 88 89
E-mail: lojadomundorural@mail.telepac.pt

Seminário "Desafios e Rumos para o Desenvolvimento Rural"

Intervenção integrada e transversal



Uma Rota de Vinhos da Península de Setúbal, um estudo de viabilidade económica e técnica de aproveitamento dos resíduos florestais, educação ambiental para crianças, programas de rádio, ou apoio a uma padaria/confeitaria, são alguns exemplos de projectos apoiados pela ADREPES - Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal, apresentados durante o Seminário "Desafios e Rumos para o Desenvolvimento Rural", que teve lugar no passado dia

4 de Novembro, na Herdade da Barroca d'Alva, em Alcochete.

Numa iniciativa que contou com a presença de António Pombinho, presidente da Direcção da ADREPES, Fernando Madureira, director Regional do Ribatejo e Oeste (em representação do secretário de Estado da Agricultura e Alimentação), José Dias Inocêncio, presidente da Câmara Municipal de Alcochete, e Rui Rafael (em representação do chefe de Projecto do LEADER+), além de promotores de projectos e equipa técnica da ADREPES, procurou-se reflectir sobre a importância do programa LEADER+ na Península de Setúbal.

Dividido em dois painéis, o seminário começou com "O LEADER+", a ADREPES e o Plano de Desenvolvimento da Península de Setúbal", no qual, Rui Rafael

apresentou os princípios base da intervenção LEADER e a evolução do programa. A ADREPES envolveu-se na terceira fase deste processo, e foi esta experiência de gestão do programa que José Lupi Caetano, director da ADREPES, abordou, assinalando algumas dificuldades encontradas pela associação numa zona de intervenção em que a proximidade de um elevado efectivo populacional exerce "fortes pressões sobre o território".

Na sequência desta exposição, a coordenadora da ADREPES, Manuela Sampaio, apresentou o Plano de Desenvolvimento Local (PDL) da associação. Intervenção que funcionou como ponto de partida para o painel "Exemplos de Projectos e Boas Práticas", e permitiu a apresentação de projectos de sete promotores: ADREPES, AFLOPS - Associação de Produtores Florestais, Associação da Rota de Vinhos da Península de Setúbal e Costa Azul, Casa Agrícola Horácio Simões, Centro Social da Quinta do Anjo, Isilda Neves Raimundo de Almeida, e João Manuel Gomes Serra.

Um conjunto de experiências que veio reforçar a opinião dominante durante o seminário, de que o programa LEADER+ permite a intervenção no espaço rural da Península de Setúbal, de forma integrada e transversal, promovendo a identidade e qualidade de vida das populações. Uma opinião partilhada pelo presidente da ADREPES, António Pombinho, para quem deve continuar a haver um programa de apoio ao desenvolvimento rural, baseado na transferência de meios e responsabilidades para os agentes locais.

João Limão

Apresentação do "Pessoas e Lugares" na ADRAMA

No passado dia 12 de Novembro, no Auditório do Centro de Formação Agrária de S. Vicente, na Madeira, teve lugar mais uma apresentação do jornal "Pessoas e Lugares", desta vez perante instituições, promotores e demais interessados da zona de intervenção (ZI) da ADRAMA - Associação de Desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira.

Organizada por esta associação e pela Rede Portuguesa LEADER+, a sessão contou com a presença do Director Regional de Agricultura da Madeira e do Vice-presidente da Câmara de S. Vicente. As boas-vindas estiveram a cargo do presidente da ADRAMA, Henrique Silva, que enalteceu a preocupação com a gestão do Programa naquele território e com a continuidade da intervenção após este Quadro Comunitário de Apoio (QCA).

O programa LEADER+, a sua actual fase de implementação e algumas das perspectivas de trabalho para a definição do próximo QCA no que diz respeito ao desenvolvimento rural, foram temas abordados na intervenção do chefe de Projecto LEADER+, Rui Batista.

A apresentação do jornal, do seu historial e conteúdo, foi feita a partir da ideia - contida no texto "Levadas - Águas passadas?", de Manuel Ara, da Inspeção Ambiental/Direcção Regional do Ambiente, publicado no "Pessoas e Lugares" dedicado à ADRAMA e respectiva ZI -, de que "a economia e o romance são duas das principais essências do desenvolvimento rural". Uma frase que enquadrava e sintetizava o conteúdo do número, dedicado a "Percursos Pedes-

tres" - a partir das veredas da Madeira - e que aliam a observação da natureza, o amor pelo património e a dinamização das pequenas actividades económicas de regiões do interior.

A coordenadora da ADRAMA, Regina Ribeiro, aproveitou a oportunidade para dar conta da intervenção da Associação no âmbito do LEADER+, divulgando as acções em curso e as já implementadas. Um projecto em plena fase de execução, com um número de intervenções muito próximo do atingido no LEADER II, e que consolida algumas das estratégias base, como sejam a qualificação da oferta turística, a animação do território e a valorização do património, foi a ideia que ficou patente da intervenção de Regina Ribeiro e que, encerrou os trabalhos, já que por motivos profissionais, Manuel Ara, antigo coordenador da ADRAMA, se viu impedido de apresentar a palestra prevista sobre "Veredas e Levadas".

A sessão encerrou com a degustação de alguns dos produtos característicos da região. Promotores de projectos, representantes das Casas do Povo, individualidades e elementos da comunicação social tiveram assim um momento de confraternização em que o papel deste Programa e do jornal "Pessoas e Lugares" ficaram bem evidenciados como um marco na intervenção do mundo rural.

Francisco Botelho

2ª Oficina de Cooperação

Novos passos para a cooperação transnacional

Enfoque sistemático na cooperação fora da União Europeia (UE), aprendizagem por parte dos actores locais, foco estratégico em recursos-chave, processo integrado, implicação de actores externos qualificados, cooperação inter-regional para qualificar e agrupar a oferta, ou ferramentas de capitalização como guias, são alguns dos pontos fortes identificados por Paul Soto, director do Grupo Alba (Espanha) e observador da 2ª Oficina de Cooperação "Ampliar a cooperação transnacional", que decorreu no Hotel Monte Prado, em Melgaço, entre 17 e 19 de Novembro, numa organização da Rede Portuguesa LEADER+.

Tendo como finalidade prioritária a consolidação de projectos de cooperação transnacional, esta Oficina teve como principais objectivos proporcionar a reflexão e discussão acerca de estratégias para a cooperação transnacional entre os GAL (Grupos de Acção Local) de Portugal, consolidar e ultrapassar constrangimentos técnicos e administrativos de alguns projectos de cooperação transnacional, e obter informações e assistência técnica acerca da melhor forma de implementar e desenvolver projectos de cooperação com GAL da Europa e com entidades do Brasil e Portugal envolvidas no desenvolvimento local em zonas rurais.

Uma estrutura que surge na sequência da primeira oficina, realizada em Tomar nos dias 10, 11 e 12 de Julho, na qual foram constituídos quatro grupos de trabalho, para abordagem de igual número de temáticas: Promoção e divulgação de territórios e produtos (Comercialização de produtos); Turismo, património e cultura; Cooperação com PALOP; e Cooperação com Brasil. Do trabalho de reflexão e aprofundamento dos temas feito por estes grupos, pretende-se que resulte uma contribuição activa para a concepção, adequação e actualização do Dossiê de Cooperação.

Por isso, a Oficina contemplou uma sessão plenária dedicada à construção do dossiê, na qual foi apresentada a "experiência de trabalho partilhado" portuguesa, com Ana Souto, Francisco Botelho, Maria do Rosário Serafim e Miguel Velez a fazerem um ponto de situação dos vários grupos de trabalho. O Dossiê de Cooperação LEADER+ é uma publicação em constante actualização e crescimento, dividida em sete capítulos: O que é a cooperação, Como cooperar, Procedimentos para a cooperação, Estudos de caso, Cooperar com os PALOP, Cooperar com o Brasil, e Glossário. Um instrumento útil, mas que ainda está numa fase inicial, e que prevê inclusão no site da Rede Portuguesa LEADER.

Em complemento a esta apresentação, o representante da Rede francesa, Laurent Delcayrou, expôs a experiência deste país, que resultou no "Guia de Cooperação LEADER+ ". Este dossiê é constituído por dois itens principais: "Guia Metodológico" (que engloba as fichas "Princípios e Métodos"), e o "Caderno de Bordo do projecto de cooperação", aos quais há que adicionar os Recursos Internet.

Cooperação transnacional na Europa

Antes, como ponto de partida para criar dinâmicas de cooperação, nada melhor que conhecer a realidade de outras redes europeias LEADER+ . Pedro Brosei (Ponto de Contacto Observatório LEADER+) fez um ponto de situação da cooperação transnacional na Europa, enquanto que representantes de quatro redes LEADER+ europeias - Joan Calvera (Espanha), Laurent Delcayrou (França), Federica Cerulli (Itália) e Liisa Häme (Finlândia), participaram numa mesa-redonda de apresentação da situação nestes países. Diferentes ópticas que traçam prioridades variáveis, mas que descontadas as variações em função da dimensão, características culturais, número de



Redes LEADER+ Europa



Federica Cerulli
Itália

Qual a impressão que tem desta oficina?

Foi uma boa oportunidade para os GAL portugueses conhecerem ideias que circulam na Europa. Também foi bom para nós, rede italiana, percebermos como os portugueses fazem cooperação e, especialmente, como funciona a cooperação internacional.

O sentimento geral é de que a cooperação é uma espécie de trabalho extra. Sente o mesmo em Itália?

Acho que não. A cooperação é uma oportunidade para partilhar, aprender e alargar o território. É difícil, mas acho que é um exercício útil.

Pensa que esta pode ser uma boa oportunidade para impulsionar a cooperação?

Absolutamente. Penso que entre os GAL Italianos e portugueses já existem muitas relações. Com a proximidade cultural, mas também o partenariado criado no LEADER II. Em Itália, agora é o tempo em que todos os GAL estão a concentrar-se em começar a cooperação. Por isso, penso que foi o período certo para vir cá, e vou regressar com todas as ideias que escutei em Portugal e propô-las aos nossos GAL. Por isso, espero que através desta informação eles sejam capazes de se juntar à cooperação com Portugal. Quando ouvi alguma ideia de cooperação que podia ajustar-se a uma italiana, contactei os GAL para saber se estariam interessados neste tipo de parceiros.



Liisa Häme
Finlândia

Qual a importância desta iniciativa para a cooperação transnacional?

O mais importante é poder conhecer pessoas e estar disponível, mais do que fazer apresentações ou ouvir. Tenho este sentimento de que é bastante bom estar aqui, até porque não conhecia os GAL portugueses.

A cooperação tem sido difícil para os GAL finlandeses?

Sim, porque numa primeira fase é sempre trabalho extra. Temos de começar a organizar, fazer planos... e toda a gente está a trabalhar tão duro. E um pouco doloroso. Mas, quando o projecto avança... então torna-se mais interessante.

Estão lançadas as bases para a cooperação Finlândia - Portugal?

A cooperação entre a Finlândia e Portugal é uma ideia nova. Nós temos aquela ideia dos mediterrânicos não serem muito empenhados, e serem muito flexíveis. Algumas pessoas tiveram algumas más experiências no LEADER II, com GAL mediterrânicos. Mas agora, está a ser completamente diferente. Fiquei um bocadinho envergonhada por reparar que tínhamos ideias pré-concebidas e erradas... Às vezes, os portugueses parecem muito escandinavos... muito trabalhadores... Ainda ontem, depois do jantar, perto da meia noite, estive a trabalhar com quatro GAL, e foi trabalho muito duro.



Joan Calvera
Espanha

Qual a impressão que tem desta oficina?

Uma iniciativa muito útil. Surpreenderam-me alguns temas, como o ênfase dado à cooperação com países de fora da UE. Mas, há uma grande sensibilidade, por parte da unidade portuguesa, para debater os temas da cooperação, e este seminário estabeleceu a base para uma colaboração mais estreita nos temas da cooperação.

A cooperação em Espanha está no bom caminho?

A cooperação em Espanha está medianamente bem. Não chega a metade do que deveria ser. Até agora, em comparação ao desenvolvimento do programa LEADER está atrasada. Temos aproximadamente uns 60 projectos de cooperação inter-territorial aprovados, mas só temos uns 18 de cooperação transnacional. Isso é pouco em relação ao que esperamos. Julgo que é como em todos os países. Chamou-me a atenção a França e a Itália terem poucos projectos. Alguns países como a Finlândia parece que estão mais adiantados nesse terreno, mas acreditamos que, a partir de agora, podemos alterar a tendência.

A tradição de cooperação entre Portugal e Espanha sai reforçada?

Sim. A cooperação entre Espanha e Portugal é muito boa. É a melhor cooperação que temos no LEADER. Mais de 50% do total é com Portugal. Pensamos que podemos alargar, porque é fácil a colaboração entre grupos espanhóis e portugueses. Têm interesses comuns e entendem-se bem na forma de actuar. Creio que nos próximos meses vai aumentar bastante.

Ampliar a Cooperação Transnacional

GAL e territórios, deixam transparecer a ideia de que a cooperação transnacional continua com atrasos em toda a Europa. Numa tentativa de alargamento dos horizontes de cooperação e estabelecimento de contactos, esta Oficina contemplou uma "Feira de Projectos" que contou com a apresentação e partilha de ideias e de projectos nacionais e internacionais. Dentro da mesma lógica, a sessão plenária sobre projectos de cooperação permitiu conhecer a experiência de desenvolvimento sustentável participado (Consórcio de Jiquiricá - Brasil), a Associação Nacional de Aldeias da Finlândia (SYTY), projectos de cooperação com os PALOP (INDE / Plataforma das ONGD), além do estudo "Cooperação transnacional nas zonas de agricultura de montanha: o caso da cachaça de alambique e da aguardente de medronho" (Maria Aparecida Tubalini), que foram complementadas pelas apresentações sobre cooperação empresarial e desenvolvimento rural (AEP - Associação Empresarial de Portugal) e promoção e comercialização de produtos (ICEP - Instituto do Comércio Externo Português). Um retrato alargado da cooperação transnacional, dinâmico e plural. Contudo, não isenta a iniciativa de deixar transparecer os pontos de identificação por Paul Soto, como a definição pouco precisa de necessidades e oportunidades, pouca relação com actores locais, falta de clareza nas soluções, concentração nos objectivos materiais, indefinição na razões para a cooperação, ou enfoque nos *outputs*. Fragilidades que o chefe de projecto LEADER+, Rui Batista, reconhece existirem, mas para quais considera terem sido dados passos importantes nesta oficina, alertando que a "preocupação da autoridade de gestão portuguesa é não criar entraves à organização de projectos". É neste sentido que "há assistência técnica". De acordo com o chefe de projecto, "a vontade de cooperar é uma questão cultural", e o papel da cooperação é "abrir horizontes, pormos todos a reflectir e percebermos que temos de aprender com os outros". Um resultado que Rui Batista espera que se retire desta 2ª Oficina de Cooperação. De retorno aos seus territórios, elementos dos GAL e representantes internacionais levam na bagagem, além do CD-Rom interactivo "Vale do Minho" e do DVD "Vale do Minho - um rio de emoções", oferecidos pela organização, um conjunto de contactos e informações que podem tornar mais fácil a cooperação transnacional.

João Limão



Laurent Delcayrou
França

Qual a impressão que retira desta oficina?

Estou contente de ter vindo e de descobrir a situação em Portugal. Depois, pude transmitir a perspectiva francesa e manifestar o interesse dos actores franceses em cooperar com Portugal. Espero que a informação transmitida permita. Também achei muito interessante a ideia de ilustrar a cooperação, multiplicando exemplos. Contudo, fiquei um pouco surpreendido pelas poucas trocas entre os GAL.... talvez tenha faltado tempo para debate, mas no futuro era interessante dar a palavra aos GAL, para que expliquem porque têm dificuldades na cooperação. E pela troca directa e pelo debate que a motivação e os ensinamentos se fundem mais facilmente.

A cooperação pode ser considerada trabalho extra para os GAL?

Há esse sentimento, infelizmente a cooperação internacional não é a prioridade. E um erro. Se não utilizamos o LEADER+ para experimentar e aprender a cooperação internacional, perdemos uma grande oportunidade. Se os técnicos estão atarefados, talvez possam descobrir prestadores ou actores capazes de o fazerem no seu lugar. Não podemos aceitar que, sob o pretexto dos técnicos estarem atarefados, que a cooperação passe a segundo plano.

As similaridades culturais entre Portugal e França podem ser um bom ponto de partida para a cooperação?

Espero que este seminário seja, senão um ponto de partida, pelo menos um facilitador. Toda a gente está convencida das similaridades e afinidades entre Portugal e França, que não são muito difíceis de traduzir em acções de cooperação. Gostava que os territórios portugueses aproveitassem os anúncios de cooperação que deixamos. Portugal, Espanha, Itália e França, devem ser os principais parceiros no LEADER transnacional, dado que têm todas as condições culturais, técnicas e financeiras.

nhado trabalho dos GAL até ao presente, foi também um aspecto marcante para a cooperação.

A Feira de Projectos proporcionou uma difusão alargada de algumas das possibilidades e vantagens da cooperação, quer entre os GAL da Europa, quer entre organizações congêneres do Brasil, África e Marrocos, indicando o início de uma nova fase na cooperação do LEADER+.

As principais conclusões desta oficina (disponíveis no site www.leader.pt) são indicativas da enorme potencialidade que a cooperação transnacional pode constituir para os GAL de Portugal, nomeadamente ao nível do alargamento das fronteiras dos territórios rurais, da transferibilidade de experiências e conhecimentos e, sobretudo, de uma maior visibilidade e capacidade empreendedora dos actores locais.

Cremos que desta oficina resultou uma maior dinâmica para a cooperação, sobretudo no que se refere a novos contactos, novos saberes e novas energias necessárias para o estabelecimento e consolidação da cooperação no LEADER+.

Maria do Rosário Serafim
IDR-Ha/Rede Portuguesa LEADER+

Feira de Projectos (mais informação disponível no site www.leader.pt)

GAL/País	Projecto/Ideia de Projecto	Objectivos sumários do projecto	Contacto
Kantri Finlândia	Projectos de Cooperação da Finlândia	Promção dos produtos endógenos e do património cultural e turístico das regiões LEADER em Portugal e Espanha.	Petri Rinne Petri.rinne@joutsentenreitti.fi Tel: +351 236912113 terrassico@mail.telepac.pt
Terras de Sicó Portugal	Intercâmbio de Produtos e Sabores	Difusão das potencialidades da madeira com vista a aumentar a sua utilização num mercado mais vasto.	Susanne Johansson Tel: + 46 380 554312 susannej@www2.tracentrum.se
Wood Center in Sweden e Wood Center in Nässo Suécia	Potencialidades da madeira	Fomento de actividades turísticas e criação de um site para promoção do turismo em espaço rural	Tel: +351243333894 aprodor@mail.telepac.pt
APRODER Portugal	Central de Reservas	Estabelecimento de uma rede através de um portal que ligue os diferentes países e pessoas, valorizando e promovendo os territórios rurais	Ana Lisa Tel: 0863/979003 Fax: 0863/979944 galmarsica@site.it galmarsica@ermes.it
MARSICA Itália	European Country Network (ECN) and European Country Inn (ECI) - um projecto ligando áreas de emigração internacionais	Promção e divulgação dos territórios de Basto e Redange-Wiltz (Suíça), fomentando relações comerciais entre os agentes económicos	Tel: +351 253662025 adrb.probasto@mail.telepac.pt
PROBASTO Portugal	De Basto a Wiltz	Cooperação entre os GAL de Andaluzia orientada para a qualidade de vida, novas tecnologias, valorização de produtos locais e património natural e cultural	Aurelio Pretel Comarca de Guadix Tel: 0034 958 665 070 Fax: 0034 958 665 191 guadix@cdrtcampos.es
GUADIX Espanha	A cooperação LEADER+ na Andaluzia - o caso da comarca de Guadix	Sensibilização para a importância do património natural e cultural e promoção da participação activa dos actores locais no planeamento e gestão do território	Tel: +351 281546285 geral@baixoguadiana.pt
TERRAS DO BAIXO GUADIANA Portugal	Um Cordão Verde para o Sul de Portugal	Compartilhar conhecimentos sobre os castelos medievais europeus e promoção conjunta desta riqueza patrimonial	Miguel Teijido Sotelo info@euroeume.org
EUROEUME Espanha	Castelos medievais - o futuro do passado (Ideia de Projecto)	Desenvolvimento de destinos turísticos ligados ao património vitivinícola	Manuela Sampaio Tel: +351 212337932 adrepes@adrepes.pt
ADREPES Portugal	Herança dos Vinhos do Sul	Valorização e promoção dos queijos produzidos com um coagulante vegetal - <i>cynara cardunculus</i>	Manuela Sampaio Tel: +351 212337932 adrepes@adrepes.pt
ADREPES Portugal	Cardum	Recuperação e dinamização do património cultural das zonas rurais e criação de uma rede europeia de itinerários turístico-culturais dentro da temática da arqueologia industrial	MOHAMED AZGANIN assoidegh@yahoo.fr
ANAWAR Marrocos	Apresentação de interesses vários ao nível da cooperação	Desenvolvimento de pacotes turísticos integrados e promover serviços de qualidade solicitados pelos clientes/turistas	Luis Andrade Tel: +351272540200 adraces@adraces.pt
ADRACES Portugal	Rede de Cooperação Transnacional para a Comercialização de Produtos Locais e Turismo Rural		
LEADEROESTE Portugal	Rota da Arqueologia Industrial em Meio Rural		Silvia Pinheiro infoleaderoeste@netvisao.pt Tel: +351262691545
TAGUS Portugal	Espaço Portugal Rural	Cooperação Interterritorial para promover e valorizar os produtos e produtores locais junto dos consumidores urbanos	Tel: +351 241372180 tagus.adiri@mail.telepac.pt
ATAHCA Portugal	Clube Biored	Divulgação do património natural e cultural nas áreas do turismo, produtos locais e ambiente	GAL Interlocutor: Adelaçor adelaçor@mail.telepac.pt Tel: +351292392413
TERRAS DENTRO Portugal	Rotas sem Barreiras	Promção da igualdade de oportunidades para públicos excluídos de actividades turísticas	Terras Dentro Tel: 266 948070 atd@terrasdentro.pt

V Festival de Sopas da Serra da Estrela



CRIME DE REQUEIJÃO com Sabores do Bosque, confeccionada pela Junta de Freguesia de Juncal (concelho de Fornos de Algodres), foi a grande vencedora do V Festival de Sopas da Serra da Estrela, organizado pela ADRUSE - Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela. Uma sopa inovadora feita com produtos tradicionais da região que abundam na nossa Serra.

Outros sabores, como a Sopa de grão-de-bico, a Sopa de rabo de boi, a Sopa à Lavrador ou a Sopa de castanhas fizeram o Concurso de Sopas Tradicionais da Serra da Estrela, integrado na Feira e Cultura de S. Paio (Gouveia), e que bateu todos os recordes.

Ao todo 24 participantes, entre particulares, representantes da restauração, de instituições de solidariedade social e de colectividades, entre as

quais diversos ranchos folclóricos, confeccionaram 33 sopas traduzidas em mais de 800 litros de sopa. Muita sopa que fez crescer água na boca a uma

verdadeira multidão, que em pouco menos de uma hora esgotou as mais de 2 500 sopas servidas ao público.

A presidir ao júri da edição deste ano esteve Filipa Vacondes, nome conhecido da nossa culinária. Admitindo ser "muito complicado avaliar tanta sopa", Filipa Vacondes considerou que "iniciativas como esta estimulam as pessoas a fazer mais e melhor".

Depois de saboreadas outras sopas saíram vencedoras: a Sopa de Míscaros do Rancho Folclórico "Os Pastores de S. Romão" (concelho de Seia), a Sopa à Lavrador, do restaurante "A Toca do Lagarto" (freguesia de Nespereira, concelho de Gouveia), e a Sopa de Castanhas, de Maria Rosário Pires (Linhares da Beira, Celorico da Beira).

Sopas com sabor à moda da Serra que nesta quinta edição do Festival de Sopas da Serra da Estrela foram integradas num projecto do programa LEADER+. Certame que se insere na estratégia e na orientação que a ADRUSE tem vindo a desenvolver na valorização e promoção dos produtos locais e as terras da nossa região, contribuindo assim para o incremento e desenvolvimento da oferta turística da Serra da Estrela.

ADRUSE

I Congresso Internacional Aves do Atlântico

O I Congresso Internacional Aves do Atlântico, realizado entre 29 de Outubro e 1 de Novembro, reuniu, pela primeira vez na Madeira, diversos especialistas internacionais para debater o estatuto e as ameaças das aves do Atlântico, com especial atenção para as ilhas da Macaronésia (Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde). O Congresso decorreu no auditório do Centro de Formação Agrária de São Vicente.

Especialistas vindos de diversos países debateram o estatuto e as ameaças das aves do Atlântico, com especial atenção para o impacto das pescas e da poluição sobre as populações de aves marinhas. O congresso foi organizado em sessões temáticas coordenadas por representantes com ampla experiência internacional. Dos oradores presentes destaque-se Mark Bolton e José Pedro Tavares (Royal Society for Protection of Birds), Carles Carboneras (Sociedad

Española de Ornitología), Fábio Olmos (Birdlife Brasil), Richard Phillips (British Antarctic Survey), e ainda oradores madeirenses Francis Zino (Museu Municipal do Funchal), Paulo Oliveira e Dália Menezes (Parque Natural da Madeira), para além dos representantes da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA).

Este Congresso teve o apoio do LEADER+, através da ADRAMA - Associação de Desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira, e entre as entidades organizadoras contam-se a Câmara Municipal de São Vicente, a Direcção Regional de Turismo, a Madeira Wind Birds - Animação Turística, Lda., a Birdlife Internacional, o Instituto de Ambiente e a Fundação para a Ciência e Tecnologia e a SPEA.

ADRAMA

I Encontro Nacional de Dirigentes Cooperativos Olivícolas

Debater os vectores-base da fileira oleícola (olival, lagar e comercialização e marketing), tendo em vista o aumento da produtividade e da competitividade das cooperativas, foram os objectivos do I Encontro Nacional de Dirigentes Cooperativos Olivícolas, realizado no Centro de Formação Profissional da Gafanha da Nazaré nos dias 22 e 23 de Setembro último.

A iniciativa surge na sequência de um trabalho sustentado orientado pela Divisão para a Qualificação Profissional do Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica (IDRHA), durante 2003 e 2004, na área dos "Dirigentes Cooperativos Olivícolas", no âmbito do qual foram organizadas duas acções de formação para dirigentes cooperativos, uma para a região de Trás-os-Montes, outra para o Alentejo, e contou com a participação de 23 dirigentes.

Os trabalhos do Encontro tiveram início com a abordagem dos vectores-base da fileira oleícola, seguida de discussão plenária, durante a tarde e manhã do dia seguinte em três grupos de trabalho - Olival, Lagar, Comercialização e Marketing - orientados pelo formador da respectiva área temática.

Paula Matos dos Santos
com a colaboração de José António Silva
da Divisão para a Qualificação Profissional - IDRHA

Grupo Olival
Moderador: Eng.º Arlindo Almeida (Escola Superior Agrária de Bragança)

Conclusões:

- profissionalização e responsabilização dos dirigentes (gestores e técnicos) associativos;
- contratação, por parte das cooperativas, de técnicos especialistas nas várias áreas de actuação;
- formação e informação dos agricultores, técnicos e dirigentes;
- profissionalismo dos olivicultores (deixar de encetar o olival como uma cultura secundária);
- criação de uma organização a nível nacional que englobe os lagares cooperativos.

Grupo Lagar

Moderador: Prof. José Gouveia (Instituto Superior de Agronomia)

Conclusões:

- necessidade de criação de um caderno de especificações ambientais que elimine as desconformidades actuais;
- necessidade da criação de estudos de viabilidade de um projecto conjunto regional para tratamento dos bagaços;
- necessidade de implementação de auto-controlo de qualidade alimentar;
- necessidade de técnicos responsáveis nos lagares.

Grupo Comercialização e Marketing

Coordenador: Eng.º João Tiago Carapau (Terraprojectos)

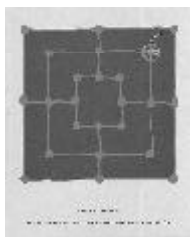
Conclusões:

- criação de uma base de dados nacional sobre azeite e de plataforma B2B;
- divulgação e promoção dos azeites DOP;
- uniformização dos requisitos de comercialização de azeites DOP;
- reforço do papel do marketing na actividade dos agrupamentos de produtores gestores das DOP;



Aprender ao Longo da Vida - revista trimestral da Associação "O Direito de Aprender", n.º 2, Outubro 2004

O papel dos museus na Educação e Formação de Adultos é o grande tema do segundo número da revista "Aprender ao Longo da Vida", editada pela Associação "O Direito de Aprender". Sobre este tema, a revista apresenta uma reportagem sobre o Museu de Serralves, um texto da coordenadora da Rede Portuguesa de Museus, Clara Camacho, sobre o papel concedido à educação nos museus e um texto de Hugues de Varine, ex-director do Conselho Internacional de Museus. Neste número podem ainda ler-se duas entrevistas; uma a Marçal Grilo, ex-ministro da Educação e actual administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, e outra a Marie-Christine Josso, professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra. E ainda uma reflexão sobre a obra de Paulo Freire, uma reportagem sobre o "Projecto de percussão Tocá Rufar", dois artigos de opinião, livros, Internet e notícias várias. A venda em todo o país, em bancas seleccionadas.



Museu de Mértola - A Necrópole e a Ermida da Achada de S. Sebastião Campo Arqueológico de Mértola, Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, 1999

Com o apoio do LEADER II/Rota do Guadiana

Com a coordenação de Joaquim M. Ferreira Boiça e Virgílio A. M. Lopes - investigadores do Campo Arqueológico de Mértola - esta publicação reúne uma série de textos em torno da Necrópole e a Ermida da Achada de S. Sebastião. Uma edição da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça e Campo Arqueológico de Mértola que dá conta de todo o processo de identificação, investigação e recuperação da Ermida de S. Sebastião: da cheia fluvial do rio Guadiana de 1876, que pôs a nu as ruínas daquela ermida e que levou o governo regenerador a convidar o arqueólogo Estácio da Veiga para proceder aos primeiros trabalhos arqueológicos, as escavações arqueológicas realizadas entre 1992-1995 pelos alunos do primeiro curso de Técnicos de Museografia Arqueológica da Delegação de Mértola da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, e respectiva musealização, dentro do projecto "Mértola Vila Museu". Um processo complexo, com várias questões problemáticas, de que aqui dão conta vários investigadores do Campo Arqueológico de Mértola.



Calçada Artística nos passeios de Ponta Delgada Rego, Victor Dias, Sousa, Nestor de; Açores - Criações Tur'Arte, 2000

Com o apoio do LEADER II/ARDE

"Manifestação artística de prática artesanal empiricamente executada, o empedrado artístico português anima os passeios de Ponta Delgada, em diversidade compositiva de maior ou menor solicitação visual..." Assim escreve Nestor de Sousa acerca do mosaico português ou empedrado artístico à portuguesa naquela cidade. Uma derivação oitocentista de via romana, cuja aplicação em espaços urbanos teve início em 1948, em Lisboa, com o pavimento da placa interior do Rossio renascido da reconstrução pombalina. Em Ponta Delgada, o empedrado artístico, sendo séculovinteco, veio substituir lageamentos basálticos que compunham os passeios dos antigos e principais arruamentos da cidade.

Os desenhos (de Floriberto Correia) que dão corpo a esta belíssima publicação, apresentam os modelos de empedrado artístico do perímetro em que define a zona histórica de Ponta Delgada. "Um património que importa preservar e reanimar e, antes de mais, evitar que se degrade", pegando nas palavras de Nestor de Sousa.

www.adrat.pt



Sob o lema "Criamos laços", a Adrat - Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega apresenta-se em www.adrat.pt. Na página de abertura, dispostos verticalmente à esquerda, quatro *links* permitem entrar no mundo desta "agência de desenvolvimento criada na década de 80 pela dinâmica e vontade das principais instituições do Alto Tâmega": "Adrat", "Caracterização", "Actividades" e "Informação". As razões da sua existência, onde e

como actua, dadas a conhecer no primeiro *link* podem ser aprofundadas nos itens "Caracterização" (Génese, Estratégia de acção, Organograma, Parceiros e Contactos) e "Actividades" (e eventos). No *link* "Informação" são disponibilizadas Estatísticas e Fotografias relativas à área de intervenção e Publicações disponíveis. Notícias e eventos completam este site, informativa e fotograficamente muito bem conseguido.

www.rpmuseus-pt.org



Lançado em Março de 2001, o site da RPM não só dá conhecer a Estrutura de Projecto "Rede Portuguesa de Museus" (RPM), criada na dependência orgânica do Instituto Português de Museus (IPM), em 2000, as suas Linhas de Acção (estruturadas em três eixos - Informação, Formação e Qualificação), como permite aceder às Edições RPM, designadamente, o Boletim da RPM. Uma publicação trimestral concebida como um canal de notícias de temas museológicos, que incorpora nos seus conteúdos um panorama actualizado da evolução da própria RPM, bem como notícias e pequenos artigos sobre assuntos relativos à Museologia, aos museus e aos seus profissionais. Recentemente aprovada, a Lei Quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto) também se encontra disponível para *download* em www.rpmuseus-pt.org.

www.matriznet.ipmuseus.pt



Concretizando uma prioridade do Instituto Português de Museus (IPM) na estruturação da política museológica, o MatrizNet disponibiliza na Internet conteúdos relativos às colecções existentes nos museus do IPM, designadamente informação contida nas respectivas fichas de inventário e a informação relativa a exposições. *On line* desde 2002, o MatrizNet pode ser consultado em dois perfis de utilizadores (público e investigador), permitindo, por um lado, realizar pesquisas nas colecções de um museu e, por outro, pesquisas de modo transversal sobre as obras de um artista ou sobre um período histórico nos vários museus. A pesquisa pode ser efectuada em duas línguas, Português e Inglês.

Quintal dos Açores - compotas e salmouras

Sabor da tradição

Produtos tradicionais açorianos. Doces e pimentas. O açúcarado das compotas abriu caminho ao rótulo "Quintal dos Açores" e é a imagem de marca da empresa. As salmouras alargaram o leque de produtos e introduziram um toque de novidade.



"Os doces são a cara da empresa". Araçol, groselha, figo, uva, ananás, capucho, amora, tomate, nêspera, morango, caiola, batata-doce, abóbora e gila, traçam as feições do "Quintal dos Açores". São 14 sabores para adoçar o palato. Doces caseiros, sem aditivos, feitos à maneira tradicional. Ao lado, nas prateleiras dos mercados açorianos, e por detrás do mesmo rótulo, estão as salmouras: pimentas, massa de alho, piri-piri, massa de piri-piri, pimenta salgada, pimenta e pimentão curtido.

A frente desta empresa familiar, sediada na Candelária (concelho de Ponta Delgada) e especializada em inquietar as papilas gustativas, está Fernando Sousa. Aos 39 anos, comerciante de profissão, com o 12º ano do Curso de Administração Geral de Comércio, consegue que o seu sonho ganhe dimensão.

A ambição de transformar produtos caseiros num negócio para venda ao público é precoce. "Alimentei, desde pequeno, o sonho de fazer este projecto". A mentalidade de comerciante permite-lhe perceber as potencialidades de negócio, mas não esperava que a oportunidade surgisse tão cedo. A entrada de Portugal na União Europeia (UE) abre um conjunto de novas oportunidades, com incentivos para jovens e apoio à produção. Elabora um projecto e avança com uma candidatura ao REGIS. Estávamos em 1997. No ano seguinte, o "projecto foi formalmente aprovado", e 1998 marca o início de actividade do "Quintal dos Açores".

O negócio dá os primeiros passos, sustentado pela família. Fernando Sousa e a mulher, Helena Sousa, asseguram a produção, e recorrem a trabalho sazonal e a tempo parcial. No quadro, contam com apenas uma pessoa.

As dificuldades iniciais são contornadas com sagacidade. Utiliza a comercialização de "frescos", como "estratégia de entrada no mercado". Apercebendo-se de que existem maiores carências nesta área, negocia um pacote que inclui frescos e doces. Araçol, figo ou abóbora, abrem as portas das superfícies comerciais, enquanto os doces aparecem como com-

plemento a esta necessidade. A estratégia é bem sucedida. Os produtos conquistam aceitação quase de imediato.

Conquistado o quinhão de mercado, a preocupação foi evitar uma dispersão excessiva. As vendas concentram-se essencialmente no mercado de proximidade da ilha de São Miguel. Depois, vêm as outras ilhas açoreanas, que correspondem a 40 por cento do volume de negócios.

Alguna exportação para os mercados canadiano e americano é natural nos Açores, mas Fernando Sousa sente que "não vale a pena apostar" porque se encontram "em decréscimo".

Em Portugal continental, uma potencial evolução está dependente de acordo com os distribuidores, e pode ser o resultado de uma maior capacidade de produção. Na Europa, a França é o único país onde é possível encontrar produtos "Quintal dos Açores". Mas, Fernando Sousa já correu quase todos os países da UE, numa atitude de "namorar mercado" e criar uma carteira de clientes, mas sem avançar. É importante "fazer as coisas gradualmente", porque a empresa ainda não tem "capacidade de resposta". Uma opção ponderada, para "não criar rupturas de stocks no mercado que é a minha base".

Receitas tradicionais

Durante o trajecto, a empresa alarga o âmbito de produção dos doces às salmouras. Um produto inovador, com escassa concorrência, e que começa a criar público. Este investimento implica a descoberta de novas necessidades. É quando surge a ligação ao programa LEADER+, através da ARDE - Associação Regional para o Desenvolvimento. O apoio recebido consiste na aquisição de um conjunto de equipamentos como a autolavadora, triturador ou cozedor contínuo, entre outros. Isto permite que um processo que "antes era muito manual", sofra um incremento de mecanização "essencial face ao crescimento do ne-

gócio".

Todos os produtos do "Quintal dos Açores" são naturais e baseiam-se em receitas tradicionais, acompanhadas de algumas experiências desenvolvidas pelos promotores. A base das compotas é fruta e açúcar, "à maneira antiga".

As salmouras, confeccionadas "à maneira tradicional", são feitas à base de sal, contando apenas o uso de um conservante para não fermentarem, mas que corresponde apenas a 50 por cento do que é permitido por lei.

A par dos projectos de produção de doces e salmouras, Fernando Sousa também aposta no sector primário. A dependência total de produtores gera dificuldades em manter preços e ser competitivo, sendo importante contar com produção própria. Na sequência desta estratégia, começou por alargar a propriedade familiar e, neste momento, dispõe de 14 hectares de terra produtiva, que asseguram as necessidades produtivas de tomate capucho, pimentos para piri-piri, araçol, groselha, tomate, abóbora e batata-doce, enquanto a uva, nêspera e figo seguem o mesmo processo.

Mas, o negócio cresce e as exigências aumentam. "Mal acabei este projecto, já tenho necessidade de outras coisas", reconhece. Por isso, no horizonte da empresa está a possibilidade de candidatura a outros apoios e a necessidade de contratação de mais pessoal.

O alargamento do leque de produtos, através do aparecimento de novos sabores também está nos planos. Sempre com o mesmo rótulo. Fernando Sousa acredita na marca com "especificidades e características da própria região". O próprio nome "Quintal dos Açores" indica que "está a comprar um produto dos Açores". Porque, nos horizontes deste promotor está o objectivo de "levar o mais longe possível a bandeira dos Açores".

João Limão

Quintal dos Açores
Rua Canadinha, 20 A
Candelária - Ponta Delgada (São Miguel)
Telf/Fax: 296 295 026

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede
Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 24 | Novembro 2004

Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

Redacção

INDE

Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º

1700-213 Lisboa

Tel.: 21 843 58 70

Fax: 21 843 58 71

E-mail: pl@inde.pt

Mensário

Directora

Cristina Cavaco

Conselho Editorial

Carlos Maltamouros Resende/IDRHa,
Cristina Cavaco/INDE, Francisco
Botelho/INDE, Luis Chaves/Minha Terra,
Mário do Rosário Serafim/IDRHa, Paula
Matos dos Santos/INDE, Rui Veríssimo
Batista/IDRHa

Redacção

Paula Matos dos Santos (Chefe de Redacção),
Francisco Botelho, João Limão,
Mário do Rosário Aranha

Colaboraram neste número

Ader-Sousa, Adrama, Adruse, Ana Alexandre (Rota do Guadiana), Arde, Cláudia Bandejas (Adrepes), C.M. Alcoutim, C.M. Sever do Vouga, José António Silva (IDRHa), Mafalda Brandão (Adrimag), Maria Custódia Correia (IDRHa), Maria do Rosário Serafim (IDRHa)

Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

Capa

Núcleo do Museu da Graciosa (Açores),
Paula Matos dos Santos

Impressão

Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4
4710-306 Braga

Tiragem

6 000 exemplares

Depósito Legal

nº 142 507/99

Registo ICS

nº 123 607

